CAMINHOS DRUMMONDIANOS

Dadá Lage Lacerda
Ricardo Shitsuka
Dorlivete Moreira Shitsuka



Editora Poisson

Dadá Lage Lacerda
Ricardo Shitsuka
Dorlivete Moreira. Shitsuka

Caminhos drummondianos

1ª Edição

Belo Horizonte
Poisson
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L131

LACERDA, Dadá Lage; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; SHITSUKA, Ricardo- Caminhos drummondianos. Belo Horizonte, Editora Poisson, 2018.

Formato: PDF
ISBN: 978-85-93729-99-7
DOI: 10.5935/978-85-93729-99-7.2018B001

Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1. **Literatura 2. Poesia I. Título**

CDD-B869.1

www.poisson.com.br

contato@poisson.com.br

Dadá Lage Lacerda



- Historiadora.
- Diretora e professora na rede pública estadual em Itabira/MG.
- Diretora do Museu de Itabira 1998 a 2000.
- Presidente do COMPHAI por dois mandatos
- Presidente da ONG Século XXI por 3 mandatos.
- Pesquisadora do acervo público itabirano.
- Estudiosa da Obra de Carlos Drummond de Andrade
- Autora da pesquisa histórica do Museu de Território "Caminhos Drummondianos".

Ricardo Shitsuka



- Professor no Programa de Pós-Graduação "Stricto sensu" em Educação em Ciências (PPGEC) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).
- Professor Adjunto IV no campus Itabira da UNIFEI.
- Líder do Grupo de Pesquisas MEAC.
- Editor da revista Research, Society and Development.
- Avaliador "Ad hoc" de cursos e instituições para o MEC/INEP/DAES.
- Atuou como coordenador de cursos superiores de tecnologia e professor no Município de São Paulo.
- Tutor de Educação a Distância (EAD) por mais de 5 anos.
- Doutor em Ensino de Ciência e Matemática da Univ. Cruzeiro do Sul.

- Mestre em Engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP).
- Pós-Graduado Especialista (PGE) “Lato sensu” no Master em Tecnologias Educacionais pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).
- PGE em Tecnologia, Formação de Professores e Sociedade pela UNIFEI
- PGE em Design Instrucional para EAD e em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade pela UNIFEI.
- PGE em Informática Educacional pela UFL.
- PGE em Redes de Computadores pela UFLA.
- PGE em Administração de Sistemas de Informação pela UFLA.
- PGE em Educação Infantil e Anos Iniciais na FAVENI.
- PGE em Administração Escolar e Inspeção Escolar na FAVENI.
- PGE em e-Business pela Faculdade Senac.
- PGE em Engenharia Industrial e Siderurgia pela AOTS – Japan.
- Engenheiro pela Escola Politécnica da Univ. de São Paulo (EPUSP);
- Cirurgião Dentista pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (FOUSP);
- Graduado em Computação pelo Centro Univ. Claretiano - CEUCAR e,
- Graduado em Pedagogia pelo CEUCLAR.
- Técnico eletrônico pelo Instituto Monitor.

Dorlivete Moreira Shitsuka



- Vice-líder no Grupo de Pesquisas MEAC.
- Professora universitária em cursos superiores de bacharelado e tecnologia nas áreas de Exatas, Informática, Tecnologia, Ciências Humanas e Ciências Sociais.
- Trabalhou na FMVZ da Universidade de São Paulo.
- Tutora de EAD por mais de 8 anos.
- Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Cruzeiro do Sul.
- Pós-Graduada (PG) especialista em Informática Educacional pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).
- PG especialista em Redes de Computadores pela UFLA.
- PG especialista em Administração de Sistemas de Informação-UFLA.
- PG em Educação Infantil e Anos Iniciais na FAVENI.
- PG em Administração Escolar e Inspeção Escolar - FAVENI.
- Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
- Graduada em Licenciatura em Computação pelo CEUCLAR.
- Graduada em Licenciatura em Pedagogia pelo CEULCLAR
- Certificada FCP em Redes de Cabeamento Estruturado - Furukawa.
- Participa em projetos sociais da UNIFEI em Itabira tendo realizado palestras e ações sociais.

Sumário

Introdução

A disseminação do saber sobre o museu, a poesia, a literatura, os poemas Drummondianos e, os aspectos histórico-sociais podem resgatar a cultura e comunicação que para Drummond é permeabilidade e, isso favorece o entendimento entre pessoas e os povos trazendo benefícios para o país e humanidade ainda mais nos tempos atuais.

Em relação aos aspectos histórico-sociais, para Lev Vygotsky esses são importantes para se alcançar o entendimento e, por conseguinte, a aprendizagem.

Poemas, literatura, cultura e inovação podem apoiar os leitores na travessia dos tempos atuais considerados pelo sociólogo Zigmunt Baumann como sendo "tempos líquidos" que são aqueles nos quais há conflitos mundiais, perda de valores sociais, deterioração das relações humanas, perda de emprego e a perda da solidez que havia em tempos passados.

O objetivo deste livro é apresentar uma contextualização para os poemas do museu de território "Caminhos Drummondianos".

O presente texto contribui com os leitores trazendo uma conjuntura na qual os poemas foram desenvolvidos pelo poeta Drummond de modo a facilitar o seu entendimento, a disseminação do saber na sociedade e, de modo a torná-los mais significativos.

Ao longo do texto, passam-se pelos 44 pontos ou estações, cada uma das quais possui o seu respectivo poema em lugares onde acontecimentos ou personagens inspiraram o poeta. O entendimento dos poemas drummondianos envolve o sentido e aspectos da comunicação considerando os autores McLuhan e, Wolton, a análise de conteúdo na escola francesa conforme Pecheux.

Nas linhas seguintes inicia-se falando sobre os museus de território, o fato dele ser o único no mundo voltado para a poesia e, ser o museu desenvolvido na Cidade de Itabira o que lhe confere um caráter de ineditismo e originalidade.

A valorização da literatura, representadas por meio dos poemas, por parte da sociedade e seus segmentos e, a disseminação do saber sobre esse museu pode vir a torná-lo em um dos locais temáticos mais consagrados do mundo podendo vir a ser uma grande fonte de renda da indústria do turismo temática.

Museu de Território de Poesia

O Museu de Território “Caminhos Drummondianos” é um processo museal inovador que considera a distribuição territorial em 44 pontos ou estações. Nestes as poesias contam respectivamente, a história dos pontos que possuem referências de personalidades, acontecimentos, homenagens, objetos ou celebrações. Ele é um presente para a sociedade local, regional, brasileira e mundial, uma vez que é aberta para todos, possibilita um incentivo a alfabetização, ao letramento por meio de poemas e, dissemina a cultura de modo histórico e social. Este é importante segundo Vygotsky (2013) para que ocorra o entendimento, o aprendizado e o saber.

Os poemas drummondianos mostram-se populares seja nos segmentos da população retratada, nas observações do cotidiano captadas pelo poeta e, nos grupos que as lia. Nestes grupos, pode-se considerar que elas representavam alguma época com seu senso comum e, mais especificamente, das pessoas que conheciam os contextos nos quais os poemas foram desenvolvidos.

Para Moscovici (1997) e Jodalet e Kalampalikis (2015), o senso comum é a representação social presente nos grupos dessas pessoas em foco. Desta forma, pode-se considerar que os poemas drummondianos trazem as representações sociais presentes em determinados grupos de leitores que conheciam os contextos da época correspondentes às cenas retratadas nos poemas.

Por outro lado, para as pessoas que não conheciam os contextos, ficava difícil entender e formar o senso comum e, por conseguinte, as representações coletivas ou sociais correspondentes.

O Conselho Internacional de Museus considera que um museu é um espaço cultural permanente, que não visa lucro e está ao serviço da sociedade. Ele é aberto ao público, adquire, preserva e divulga o seu acervo com fins educacionais e apreciação pelas pessoas.

Um museu é o lugar ou espaço que aguça os sentidos, a percepção dos visitantes. É cultura, é construção do saber apoiando a educação formal por meio da educação não-formal e informal. Quanto mais as pessoas se interessam, procuram por informações, podem construir o saber em suas mentes, aprofundar-se em seus estudos e, até mesmo descobrir novas dimensões que permitem ampliar a construção do conhecimento de vida e leitura

de mundo a partir do saber possibilitado pela literatura.

Espaços culturais, como é o caso dos museus, muitas vezes possibilitam aos visitantes: viagens fascinantes por meio dos caminhos do saber, conhecimento de aspectos histórico-sociais, reflexões e, vidas sociais mais humanas, significativas e emocionantes.

Para o Museólogo Carlos de Souza Chagas, tradicionalmente um museu é definido por meio dos aspectos: edifício, coleção e o público e, os "Caminhos Drummondianos" atendem estes aspectos e por este motivo pode ser considerado como sendo um museu de território.

No caso do Museu de Território "Caminhos Drummondianos" há o resgate histórico, temporal e social de uma sociedade por meio de poemas. Até recentemente, esse museu é considerado como sendo o único no mundo com poesia.

Carlos Augusto de Oliveira, mestre em Museologia, considera que existem outros museus de território no Brasil, como é o caso do Ecomuseu de Itaipu no Paraná. Outro exemplo é o Geoparque Araripe, localizado no Cariri, no sul do Estado do Ceará. Há mais exemplos no nível internacional, temos o: Museu da Região do Douro, Portugal; Musée des Arts Et Traditions Populaires, na França; Museu em Ventralla no centro da Itália; Dakota Territory Air Museum, nos Estados Unidos e, outros como é o caso de Jerusalém o que pode ser considerada como um grande museu a céu aberto. No entanto, o único Museu de Território com poesia é o da Cidade de Itabira, no Estado de Minas Gerais – Brasil.

Os Caminhos Drummondianos têm o território demarcado em pontos, estações ou locais, que como já se mencionou anteriormente, são em uma quantidade de mais que quatro dezenas, que são patrimônios culturais e, têm o envolvimento da comunidade e como diferencial dos demais. Esse museu possui a poesia de Carlos Drummond de Andrade escrita em placas de ferro nos seus pontos.

A presente obra contextualiza os poemas Drummondianos de modo inédito, por meio de uma pesquisa extensa sobre a história de Itabira, do poeta e sua família. Esta pesquisa foi realizada em parte em acervos da comunidade Itabirana (bibliotecas da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade e do Memorial Carlos Drummond de Andrade).

As pesquisas em campo foram realizadas por meio de levantamentos de informações realizadas por meio da visita "in loco" nos pontos e suas vizinhanças, observando os locais, imóveis, paisagens e objetos mencionados nos poemas e entrevistando pessoas da comunidade que conviveram direta ou indiretamente com o poeta e, que nos trouxeram informações por meio memória oral e fotos antigas.

A busca de informações externas aos poemas amplia seus entendimentos e vai ao encontro da Análise do Conteúdo da Escola Francesa proposto por Michel Pecheux que considera importante esses elementos para alcançar o saber e o sentido lingüístico observados no texto.

Com o Museu de Território já iniciado em 13 de dezembro de 1987, a Cidade de Itabira vem recebendo gradativamente estudiosos do poeta e suas obras, estudantes de várias

cidades do país, além de turistas de vários países do mundo. Este fato pode ser comprovado por meio dos livros de assinaturas localizados em alguns pontos estratégicos do Museu de Território tais como é o caso: Memorial Carlos Drummond de Andrade, Casa do poeta na qual passou parte de sua infância e, na Fazenda do Pontal.

Nas linhas seguintes, fala-se sobre a criação e o desenvolvimento do museu em foco. Esse tipo de saber é interessante para saber como tudo começou e, até para as pessoas interessadas em desenvolver outros projetos sociais semelhantes.

História da Criação do Museu de Território "Caminhos Drumondianos"

Preocupado com o problema sócio-econômico de Itabira o Governo Municipal, no ano de 1997, decidiu desenvolver o Turismo Cultural na Cidade de Itabira, simultaneamente homenagear o filho ilustre Carlos Drummond de Andrade e, ampliar o conhecimento e divulgação do Patrimônio Cultural do Município.

O passo inicial foi a construção do Memorial Carlos Drummond de Andrade, cujo projeto foi uma doação do arquiteto Oscar Niemeyer, grande amigo do poeta. A construção contou com o apoio e, recursos da empresa mineradora (Vale), que atua na região explorando principalmente o minério de ferro. A administração do projeto ficou sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal.

O Memorial foi inaugurado no dia 31 de outubro de 1998, data do aniversário do poeta Carlos Drummond de Andrade.

A idealizadora dos "Caminhos Drummondianos" foi a Sra. Maria Lúcia Gazire de Pinho Tavares, esposa do ex-prefeito Jackson Alberto de Pinho Tavares, que apresentou o projeto dos "Caminhos Drummondianos", o qual se baseava na seguinte ideia:

Como o Carlos Drummond nasceu em Itabira e escreveu sobre a sua terra natal, fazia todo sentido homenageá-lo, colocando placas contendo os poemas do poeta nos lugares que serviram de inspiração para que escrevesse suas poesias e, assim, seria possível conduzir os visitantes pelos pontos turísticos de Itabira, contando sua história por meio dos poemas.

Com o projeto aprovado, o passo seguinte foi a realização de pesquisas pela professora Maria das Graças Lage Lacerda (Dadá Lage Lacerda) sobre a vida das pessoas e a história dos lugares citados por Drummond nos seus poemas, com a finalidade de contextualização.

O Museu de Território "Caminhos Drummondianos", foi instalado na gestão do Prefeito Jackson Alberto de Pinho Tavares em 1998. A revitalização inicial das placas ocorreu na

administração de João Izael Quirino com patrocínio da Vale.

Após a inauguração, com a chegada dos turistas, estes logo demonstraram sua satisfação e encantamento ao constatar que por meio dos poemas poderiam conhecer bastante da história da Cidade de Itabira, seu povo, cultura e de seu poeta maior.

Uma das visitas aos "caminhos Drummondianos" foi a do museólogo do Rio de Janeiro, Mário de Souza Chagas, no ano de 1999, que se mostrou impressionado e afirmou:

"Vocês têm aqui um Museu de Território – o mais moderno em conceito de museu".

A pedido da pesquisadora Maria das Graças Lage Lacerda, o museólogo carioca, gentilmente, redigiu um depoimento por escrito, no qual afirma que "Caminhos Drummondianos" é um Museu de Território.

Mário de Souza Chagas é museólogo, mestre em memória social e doutor em ciências sociais, foi um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus, lançada em 2003, um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória (PPM), do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), foi fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia, Coordenador Técnico do Museu da República, e atuou como professor em vários programas de graduação e pós-graduação na área de Museologia, tornando-se uma grande autoridade no assunto.

Desde então, o Museu de Território "Caminhos Drummondianos" tem sido referência nas palestras nacionais e internacionais, proferidas pelo museólogo Dr. Mário de Souza Chagas.

A síntese da pesquisa Histórica do Museu de Território "Caminhos Drummondianos", de autoria da pesquisadora Maria das Graças Lage Lacerda, foi registrada na Biblioteca Pública Nacional – Ministério da Cultura, sob o número 230.636, Livro 406, Folha 296, em 21 de maio de 2001 e considerada como material didático pedagógico.

Segue na íntegra carta do museólogo:

Carta do museólogo do Rio de Janeiro Mário de Souza Chagas

Escrita em 10 de agosto de 1999, reconhecendo os "Caminhos Drummondianos" como Museu de Território

O Museu é território de memória e também de esquecimento.

A memória, sendo a não-completa destruição do objeto observado, é também a projeção do passado no presente.

O território define-se a partir da ação e da reflexão de um determinado fator social (individual ou coletivo), conferindo ao espaço um significado especial e diferen-

ciado, articulando-o com o sentido de identidade.

O museu é um caminho de memória que liga, desliga e religa tempos, ideias, sentimentos, seres e coisas; e por este caminho também é um trem, de encontros e desencontros, de chegadas e partidas.

O senso comum compreende o museu como um lugar onde há coisas velhas que alguém vai ver. Em termos tradicionais um museu também é definido através de três aspectos: o edifício, a coleção e o público. Estes três aspectos, quando tratados por uma abordagem museológica inovadora e de caráter social, transformam-se em território, patrimônio e comunidade.

Assim, não se pode conceber um museu que não contemple, de algum modo, esses três aspectos. Eles são fundamentais e não podem ser separados.

Pensar a categoria museu pelo prisma do território, do patrimônio e da comunidade é ter a ousadia de desenvolver um trabalho orientado para valores humanitários, para o desenvolvimento da cidadania e da identidade cultural, para a melhoria da qualidade de vida da comunidade e contra os processos de exclusão social.

A proposta dos Caminhos Drummondianos apresenta, ao meu ver, todos os ingredientes necessários para a constituição de um processo museal inovador.

Conheci o projeto Caminhos Drummondianos em novembro de 1998 e não tive a menor dúvida em batizá-lo de Museu de Território.

De maneira intuitiva e criativa, a equipe responsável pelo projeto desenvolveu uma proposta museológica avançada.

Mesmo que essa equipe recusasse a minha sugestão de incorporar a expressão Museu de Território, aos Caminhos Drummondianos, independentemente do nome, eles continuariam sendo um museu de território, porque o conceito e o processo são fortes e vão além do nome.

Pelo exposto, interessa compreender o que vem a ser Museu de Território.

Como anteriormente foi indicado, novos processos museológicos, com acentuado caráter social, estruturam-se a partir da inter-relação entre a comunidade, o patrimônio e o território.

Desse tríptico são deduzidos os museus de comunidade, os museus de patrimônio (integral ou integrado) e os museus de território, conforme a ênfase em um dos três aspectos. No entanto, um museu de comum idade é também um museu que opera no território delineado pelas práticas comunitárias e com base em determinado patrimônio cultural (tangível e não tangível).

Da mesma forma, um museu de território só tem sentido se é trabalhado pela, com e para a comunidade, lançando mão de determinado conjunto de bens culturais.

Nos Caminhos Drummondianos reconheço a estrutura básica fundamental de um museu de território. Temos ali a presença da autoridade de tutela (favorável ao projeto); temos a presença de profissionais que, em Itabira, dedicam-se às questões de memória, museologia e patrimônio cultural; temos a demarcação clara de um território por onde se espalha um conjunto bem determinado de bens culturais com os quais estabeleceu uma relação uma relação diferenciada o poeta Carlos Drummond de Andrade; temos um diálogo entre a poesia e a coisa.; temos também um trabalho de valorização comunitária, de estímulo à criatividade e de resgate da auto-estima individual e coletiva.

O projeto Caminhos Drummondianos espalha-se pela cidade em 44 (quarenta e quatro) pontos, articulados com 44 poemas de Carlos Drummond de Andrade.

Esse projeto com todos os seus elementos conceituais e práticos, com toda a sua inovação com seu caráter criativo e ao mesmo tempo preservacionista, com sua vocação social e com sua abrangência territorial, merece a atenção das secretarias culturais do município e do estado e, mais que isso, merece ser preservado e tombado como um bem cultural de interesse municipal e estadual.

Este é o meu parecer salvo melhor juízo.

Ass: Mário de Souza Chagas – RJ 10.08.99.

O percurso pelo Museu de Território "Caminhos Drummondianos" possibilita uma viagem através do tempo. Esta nos remete a uma época na qual a cidade de Itabira ainda conservava muitos de seus casarões, os coronéis com suas fazendas, as pessoas com seus costumes, carros de bois, cavalos e as lendas.

O passeio do leitor através das obras literárias do poeta, nos leva às evocações e lembranças de sua infância em Itabira e, de uma pessoa que, ainda jovem, foi estudar e morar em Belo Horizonte depois Rio de Janeiro, mas, que durante toda a sua vida, nunca se esqueceu de sua querida terra natal.

Os "Caminhos Drummondianos" ampliam não só a identidade cultural de Itabira como também sua atratividade turística.

Nas linhas seguintes estuda-se e comentam-se em ordem e seqüência os 44 pontos, com suas respectivas placas e poemas do percurso.

Ponto 1

A Ilusão do Migrante

A mineração é um setor primário da economia de um país. Em Itabira, ela existe há mais de 3 séculos e neste período é uma das maiores riquezas da região: desde a descoberta de aluviões de ouro e, posteriormente a extração do minério de ferro, em vários momentos da história itabirana, a exploração econômica dos minerais exigia o emprego de muita mão de obra e, esta vinha de outras regiões seja do Brasil ou até mesmo de outros países.

As pessoas que vêm de outras regiões são imigrantes e as que saem e vão para fora são emigrantes. Elas se resumem num termo genérico que é o migrante. A região da atual Itabira recebeu migrantes de outr-as regiões que vieram principalmente para trabalhar na mineração.

O próprio Drummond teve que sair da sua terra natal e foi para outras regiões inicialmente para estudar e posteriormente para trabalhar, tornado-se também um migrante.

O poema "A Ilusão do Migrante", foi colocado no ponto ou estação denominada "Trevo do Areão" que é uma região de saída ou de entrada do perímetro urbano da cidade. Este é considerado como sendo o primeiro ponto dos "Caminhos Drummondianos". Nele, o poeta mostra seu amor pela Cidade de Itabira.

Torna-se interessante contextualizar como surge o poema: um menino nascido na terra, cunhado pelo ferro da cidade e do ouro, nascidos quatorze irmãos, uns foram cedo para o céu, outros resistiram um pouco mais.

Este ponto foi escolhido com o objetivo de prestar homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade e ao mesmo tempo dar início ao Museu.

Observa-se que a estátua em bronze de Carlos Drummond de Andrade, desenvolvida pela escultora Virginia Ferreira, foi colocada estrategicamente em uma posição em que o poeta convida o turista a entrar em sua casa "Itabira".

O poema escolhido é apresentado a seguir.

A Ilusão do Migrante

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

[...]

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu, sei, de mim mesmo,
este vivente enganado, enganoso.

(Parte da poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Farewell. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.20-21.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1395.)

O leitor pode observar que o poeta deixa claro o quanto amou esta terra e, que dela nunca saiu do seu pensamento, seu coração e suas lembranças continuavam em sua mente, ao longo da vida.

Drummond mais do que tudo, era um cidadão itabirano: passou sua infância e juventude com amigos e protegido pela família que muito amava. Sua fala era mansa como as águas dos pequenos ribeirões que fluíam num regime quase laminar sem turbulência.

Desde pequenino, muitas vezes passava as tardes, lendo livros e revistas, o que ele muito amava fazer, sentado nas sombras das mangueiras, lendo e observando as montanhas ele não via o passar das horas. Quando o sol se punha por entre as montanhas, isso era um sinal que lhe dizia já era hora de voltar para o lar.

Por meio de sua percepção construía sua visão de mundo observando e sentindo as paisagens e o cotidiano da vida em Itabira. Assim, o menino foi crescendo e, entre estes doces momentos e, isso ia sendo, no seu dia-a-dia, escrito com "tintas de ferro" em sua memória.

Quando foi preciso deixar a cidade, ainda jovem, para continuar seus estudos, mais do que nunca ele não queria ir: não queria deixar a proteção de sua família, seus amigos, sua querida Itabira.

Era preciso estudar: este fato é muito comum nas cidades do interior que vêm seus filhos migrando para cidades maiores ou capitais que possuem escolas com cursos que nem sempre são encontrados localmente. Drummond foi para a Cidade de Belo Horizonte: de tão triste, ficou doente e, depois de dois meses retorna para casa.

O destino do poeta já estava traçado pelo pai que logo a seguir, o envia para estudar em uma escola na Cidade do Rio de Janeiro que na época era a capital do País. O jovem Drummond fica dois anos na escola carioca. Após o período, retorna e passa a morar em Belo Horizonte pois seu pai por questões de saúde, vende 4 das seis fazendas que lhe pertencia e passa duas para os seis filhos que sobreviveram. São eles: Flaviano, Altivo, Rosa, José, Carlos Drummond e Maria das Dores (Mariinha). Drummond passa a morar em Belo Horizonte onde vai estudar no curso superior de Farmácia, na Faculdade de Farmácia e Odontologia nesta cidade.

Após alguns anos de estudo, conclui o curso e, já formado, o jovem farmacêutico, casa-se e, retorna para a Cidade de Itabira. As condições de trabalho para o recém formado não lhe eram favoráveis: não aderiu a profissão e estava recém-casado e, passou a lecionar português e geografia no Colégio Sul Americano criado em 1923 e, também verificando a condição difícil pela qual passava o Colégio Nossa Senhora das Dores, lecionou história gratuitamente como voluntário nessa escola que, também foi criada em 1923.

A seguir, o poeta novamente sai de Itabira e vai trabalhar em Belo Horizonte que sendo uma cidade de porte maior oferecia uma quantidade de empregos mais variada: por iniciativa de Alberto Campos, passa a trabalhar como Redator Chefe do jornal Diário de Minas. Atuou também no diário da Tarde e, foi Oficial de Gabinete de Gustavo Capa-

nema, Secretário de Educação e Saúde de Minas Gerais.

Em 1934, Drummond se transfere com a esposa Dolores e a filha Maria Julieta para o Rio Janeiro onde vai exercer a função de Chefe de Gabinete de Gustavo Capanema que se torna Ministro da Educação do Governo Getúlio Vargas.

O tempo passou e, para Drummond tornava-se difícil retornar à sua terra natal. Voltou em 1948 por ocasião do falecimento de sua mãe, retornando para o Rio de Janeiro. Retornou outra vez em 1956 para levar os restos mortais da mãe para colocar junto aos do pai em Belo Horizonte atendendo ao pedido feito, em vida, pela mãe.

Restou ao poeta as lembranças do tempo em que era menino e o começo da juventude: o poeta sentia-se triste, de tantas saudades de sua casa, sua família, seus amigos, da fazenda, dos ribeirões, da cidade com suas montanhas, suas ruas de pedras que, um dia tivera que deixar. Sua lembrança era tão forte que em um dos seus poemas, escrevera que era tanta a saudade que até doía.

Ponto 2

O maior trem do mundo

Apesar de se ter adotado o ano de 1720 como ano de sua fundação, quando os dois irmãos bandeirantes paulistas, em busca de ouro, avistaram ao longe um pico que brilhava e, maravilhados, seguiram em sua direção a ele, e o chamaram de “pico Itabira”, que, na língua tupi, significa pedra (ita) que brilha (byra), e, nos rios próximos ao pico, encontraram o ouro. Também se encontram referências do povoado em 1705, que segundo Cônego Raimundo Trindade, se deu “quando Padre Manoel do Rosário e João Teixeira Ramos ali descobriram ouro de aluvião e construíram uma pequena Capela”. Em torno dessa Capela foram se desenvolvendo as primeiras casas dos exploradores do ouro, erguidas perto do rio Tanque e do Córrego da Penha.

A chegada dos bandeirantes foi um marco para o povoamento da região, uma vez que com eles vieram suas famílias e escravos. Na época existia a escravidão dos negros, a qual foi extinta em 1888, com a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel.

Na fase inicial o povoado, este foi se desenvolvendo lentamente devido à pequena quantidade de ouro encontrado em seus rios. Com o crescimento da cidade, os exploradores do ouro se enriqueceram e construíram grandes casarões, mostrando a riqueza da cidade.

Nos fins do Século XVIII definiram-se os arruamentos de Santana, Rosário e dos Padres. Neste período foram descobertas as lavras de ouro de Conceição, Itabira e Santana e a exigência de técnicas de exploração sofisticadas fez surgir companhias de mineradores utilizando a mão de obra escrava.

O tempo foi passando, este segundo ciclo do ouro estendeu-se até meados do século XIX. O ouro acabou, mas a terra possuía outra riqueza que é o minério de ferro e esta permaneceria por muito mais tempo, chegando aos dias atuais. Os moradores mais antigos de Itabira comentam que o “Pico Cauê era puro ferro” e ele brilhava com o reflexo do sol.

As ruas da cidade foram construídas com as pedras do minério de ferro e isso conferia um ar diferente à cidade em relação a outros municípios brasileiros e de outros países.

No século XX começam os investimentos estrangeiros a explorar o minério de ferro. Em 1911 os ingleses compram as minas de Itabira e fundam a Itabira Iron Company. O Presidente do Brasil, na época, o Marechal "Hermes da Fonseca", autorizou a empresa inglesa Iron Company, a explorar e exportar o minério de ferro, existente na Cidade de Itabira, que possuía a maior jazida de minério de ferro do Brasil.

Os ingleses da "Iron Company" transportavam o minério até o Porto que ficava na Cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, que é vizinho do Estado de Minas Gerais e, lá do porto seguia, por meio de navios transportadores, para outros países.

No governo seguinte, no ano do 1924 o então Presidente do Brasil, Arthur Bernardes, por meio de decreto mostra uma orientação nacionalista e prevê a concessão de empréstimos da União somente às empresas nacionais organizadas com objetivo de instalar usinas siderúrgicas e, por meio deste decreto deixa de incentivar a Itabira Iron Company.

No ano de 1926, o Governo presidencial proíbe a transferência de minas de jazidas consideradas necessárias à segurança do País. Os ingleses então passam a direção das minas de minério de ferro para o americano Percival Farquhar, que faz um acordo com o Governo: fundar siderurgia sem ônus para o Governo brasileiro.

No Governo do Presidente Getúlio Vargas, em 1934, por meio do Código de Minas distingue-se a propriedade do solo e subsolo, postula-se a nacionalização progressiva das minas e, proíbe-se os estrangeiros de minerarem em terras nacionais. Então Percival Farquhar arranja sócios brasileiros.: entre eles Dr. Amynthas Jacques de Morais que na época minerava em Itabira e fundam a Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia.

Em 1942, o Presidente da República Getúlio Vargas comprou de volta as minas de ferro dos ingleses e, criou a Cia. Vale do Rio Doce para fazer a exploração do minério de ferro de Itabira. Em anos mais recentes, esta importante empresa nacional simplificou o nome para "Vale" que é a denominação atual.

Retornando para a época de Getúlio Vargas, alguns anos mais tarde a então Cia. Vale do Rio Doce duplicou a estrada de ferro Vitória-Minas, por meio da qual é realizado até hoje, o transporte do minério de ferro até o Porto do Tubarão, no Estado do Espírito Santo e de lá, como já se mencionou anteriormente, é transportado em navios para outros países.

A viagem de trem, ou melhor, do comboio ferroviário entre Minas e o Espírito Santo durava 72 horas até o seu destino. No início, eram apenas 22 vagões e cada um transportava 50 toneladas de minério.

O tempo passou. As locomotivas, os vagões, as vias férreas e as instalações foram modernizadas: o número de vagões aumentou para cerca de 300 vagões que passaram a ser puxados por até 3 locomotivas e, o tempo de viagem até o Porto de Tubarão diminuiu. Chegando ao porto o minério seguia de navio, sua viagem rumo a outros países do mundo também foi otimizada. A seguir, apresenta-se o poema em foco.

O Maior Trem do Mundo

O Maior trem do mundo

O Maior trem do mundo
leva minha terra
para a Alemanha
leva minha terra
para o Canadá
leva minha terra
para o Japão.

O maior trem do mundo
puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
engatadas geminadas desembestadas
leva meu tempo, minha infância, minha vida
triturada em 163 vagões de minério e
destruição.

O maior trem do mundo
transporta a coisa mínima do mundo,
meu coração itabirano.

Lá vai o trem maior do mundo
vai serpenteando e vai sumindo
e um dia, eu sei, não voltará
pois nem terra nem coração existem mais.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001. v.1, p. 1450-1451.)

O poema "O Maior Trem do Mundo" foi colocado no Ponto 2, que está localizado na Praça do Areão. Também nesta praça foi colocada uma locomotiva, que foi a primeira locomotiva a levar o minério de ferro até o Porto de Tubarão no Espírito Santo. Esse trem tem relação com a questão ambiental. O poeta mostra que havia uma grande extração de minério que era levado para outros países, restando a degradação ambiental na região da mineração.

No final de 1960, a Vale construiu e colocou em operação o Projeto Cauê, que era extrair a hematita, minério com altíssimo teor de ferro, do "Pico do Cauê". Naquela época não havia na sociedade uma preocupação geral em preservar o meio ambiente como ocorre nos dias de hoje.

Conta-se, na cidade, que quando a Vale colocou em operação o projeto do Cauê, o "Pico do Cauê", que era o símbolo da Cidade, possuía cerca de 300 metros de altura. Atualmente, após décadas do início do projeto, o "Pico do Cauê" há uma cava de 500 metros de profundidade abaixo do nível zero. Essa cava foi preenchida com rejeito de minério de ferro. A mina do Cauê foi desativada no ano de 2004.

Com a exploração do minério de ferro na cidade, houve grande crescimento econômico e da população: a Vale gerou muitos empregos e muito imposto para o Município de Itabira.

Drummond possuía uma visão anos a frente da época na qual vivia. Ele questionava a mineradora Vale sobre a reposição do meio ambiente: tratava-se de uma época na qual não existia tal preocupação tanto pelas empresas geradoras de empregos, quanto pela população e sociedade em geral. Dessa forma, o poeta foi mal interpretado pela sociedade de Itabira, que dizia que Drummond não gostava da Empresa Vale, a geradora de empregos.

Drummond então preocupado com a sua terra, a Cidade de Itabira, mostra sua preocupação com a conservação do centro histórico, o que não foi compreendido, achando-se que ele queria era que a cidade ficasse como na infância do poeta.

Na década de 80 o poeta começa a publicar matérias para o "Jornal O Cometa Itabirano", a pedido de um grupo de jovens "revolucionários" que administravam o jornal.

Em 1984, houve em Itabira o primeiro encontro das cidades mineradoras, mas nesse encontro ainda não era relevante a preocupação com o meio ambiente, e sim com os impostos para as cidades mineradoras, que sofriam com a degradação do meio ambiente.

Drummond mesmo pensando que não adiantaria, mandou assim mesmo a sua colaboração para tal encontro publicando no "Jornal O Cometa Itabirano" o poema: "O maior trem do mundo".

Este poema foi colocado na praça do Areão, em Itabira, local no qual fica em exposição permanente a locomotiva da Vale que foi a primeira a transportar o minério de ferro de Itabira para o Porto Tubarão no Espírito Santo.

Atualmente, tanto a sociedade e também a Vale possuem uma preocupação grande com o meio ambiente: o minério é retirado de maneira planejada, construindo os taludes e então

plantando árvores nativas após a retirada do minério.

Em relação ao talude: este é um plano de terreno inclinado que limita um aterro e tem como função garantir a estabilidade do aterro. É utilizado para recomposição topográfica, realizada em práticas de mineração conduzidas a céu aberto. Este é o método atual utilizado pela Empresa Vale na Cidade de Itabira.

Historicamente, o prédio da Faculdade da Saúde foi tombado pelo COMPHAI (Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Itabira). Este prédio é da década de 60 e foi a primeira sede da Empresa Vale.

A construção do referido prédio foi também uma reivindicação de Drummond realizada através dos meios de comunicação representados na época pelos jornais. Este fato deu origem a uma reivindicação feita por um grupo de itabiranos que obteve vitória, conseguindo a construção do prédio que se tornou um patrimônio histórico da Cidade.

Ponto 3

Banho

Na cidade, próximo à estação rodoviária da Cidade de Itabira, em cima de um morro, há uma gruta que possui duas nascentes de água no interior da gruta, uma possui uma água bem morna e a outra nasce com uma água fria.

Por mais estranho que possa parecer: de um lado sai água com temperatura maior e do outro. Elas caem formando um poço e, neste, as águas se juntam e saem formando um único curso de água com temperatura intermediária, morna, entre as anteriores. Assim, ela segue seu caminho descendo o morro, serpenteando por entre as pedras, seguindo a juzante do pequeno ribeirão.

Em cima desta gruta há uma gameleira, árvore centenária, também conhecida como Figueira, Mata pau ou Figo. Ela designa diversas árvores da família das moráceas, especialmente as do gênero Ficus. É uma árvore de grande porte, entre 10 e 20 metros de altura, normalmente com copa larga e, tronco grosso com raízes salientes. O nome Gameleira é derivado de sua madeira macia e fácil de trabalhar, utilizada para fazer gamelas, utensílio em forma de bacia.

A toda e qualquer hora do dia, a centenária gameleira sempre fez sombra no poço, o dia inteiro, e suas raízes salientes e cipós caem por sobre gruta formando um véu nas suas entradas, e, em volta do poço existem outras árvores que sobreiam as águas no seu percurso.

O poema “Banho” foi colocado no ponto 3, localizado no Parque da Água Santa, próximo ao Terminal Rodoviário “Genaro Mafra” e é apresentado a seguir.

Banho

Banheiro de meninos, a Água Santa
lava nossos pecados infantis
ou lembra que pecado não existe?
Água de duas fontes entrançadas,
uma aquece, outra esfria surdo anseio
de apalpar na lacuna a perna, o seio
a forma irrevelada que buscamos
quando, antes de amar, confusamente
amamos.
A tarde não cai na Água Santa.
Ela pousa na sombra da gameleira,
fica vendo meninos se banharem.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 25. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boimtempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 61-62.)

Até início do Século XX, a água do poço era limpa, e a região em volta da gruta que forma o poço da água santa era um local limpo e agradável, onde os meninos da Cidade de Itabira passavam horas brincando e se refrescando na água do poço.

O poço passou a ser chamado de poço da Água Santa devido a uma lenda local a qual rezava que, havia uma donzela da cidade que, por ocasião da quaresma, se vestia de preto e caminhava até próximo à entrada da gruta e, lá passava horas e horas sentada, imersa em pensamentos e orações, contemplando as águas que saíam cada uma de seu lado da gruta, formando em baixo o poço com sua água límpida.

A quaresma é uma celebração da tradição católica. Ela representa um período de quarenta dias que antecedem a Páscoa, uma festa religiosa, que comemora a ressurreição de Jesus Cristo. O período começa na Quarta-feira de Cinzas e termina no Domingo de Ramos, anterior ao Domingo de Páscoa. Durante os quarenta dias que precedem a Semana Santa e a Páscoa, os cristãos dedicam-se à reflexão espiritual e se recolhem em oração para lembrar os 40 dias passados por Jesus no deserto e os sofrimentos que Ele suportou na cruz do calvário.

Os anos foram passando, e a donzela sempre ia à gruta nesse período. Quando as pessoas lhe perguntavam qual o motivo dela fazer aquilo, ou ter aquele comportamento, ela nunca revelava seus motivos de freqüentar a gruta naquele período do ano e com aquela regularidade. Finalmente, em seu leito de morte, a jovem donzela revelou o seu segredo: contou que, quando ia à gruta, sempre via a Virgem Maria, que aparecia para ela. A partir desse ponto, as pessoas então começaram a acreditar que a água era realmente milagrosa, e diziam se a água é morna e a Virgem Maria estava na gruta, então a água é santa.

Muitos iam ao poço e tomavam banho, porque acreditavam que se tomassem banho na água, que era santa, suas feridas e enfermidades eram curadas e, também os seus pecados eram perdoados.

Na época do poeta, quando criança, ele e seus amigos se encontravam para juntos irem se banhar nas águas do Poço da Água Santa, quem iam eram somente os meninos, pois as meninas eram proibidas pelos pais de irem ao poço brincar com os meninos.

Elas ficavam em casa, não era costume as meninas ficarem brincando na rua, elas eram criadas dentro de casa, e, quando saiam para irem a algum lugar, eram sempre acompanhadas pela mãe ou outra pessoa adulta, não podiam sair sozinhas.

Já os meninos, podiam sair livremente com seus amigos e brincar na rua. E, eles gostavam de brincar e tomar banho no poço, pois o lugar era agradável, e eles iam ao poço com freqüência, e, nas brincadeiras, os meninos começavam a lembrar da possibilidade das meninas estarem ali com eles, brincando no poço. E como os hormônios estavam em alta, pois estavam na idade da adolescência, "imaginavam... as meninas ali com eles em carícias...", mas como o conceito do pecado era muito forte naquela época, pois as famílias eram religiosas e iam sempre a igreja e levavam seus filhos.

Drummond, adolescente, assim como seus amigos, também imaginava as meninas ali com ele no poço, e, se assustava com os pensamentos que lhe vinha à mente, e indagava a si mesmo: será que é pecado o meu pensamento? Assim como os outros, ele também acreditava que a água do poço era santa e que limpava os pecados como contam os moradores mais antigos e a tradição. E, então, mergulhava na água e voltava aliviado: A água santa lava o pecado.

O tempo foi passando, as crianças foram crescendo, a população aumentando e assim o poço foi perdendo as características da limpeza original e desta forma atualmente, não se vêem pessoas tomando banho neste local.

Ele ficou poluído por muitos anos e necessitando de recuperação. Em 1932, o então Batistinha, também personagem dos Caminhos Drummondianos, já reivindicava através do "Jornal o Correio de Itabira" a revitalização do poço e a construção de um parque com um local onde a "Banda Eutérpe" Itabirana pudesse se apresentar.

Atualmente, no local existe o Parque da Água Santa, construído pela Empresa Vale em parceria com o município, e, há um local onde a centenária "Banda Euterpe" pode se apresentar. Em 1º de dezembro de 1998, foi aprovado pela Câmara Municipal, o projeto de Lei que cria o Parque, com 12 mil metros quadrados e foi instalado no Parque o Centro de Apoio ao Turista.

Ponto 4

Lanterna Mágica: IV Itabira

Drummond desde pequeno gostava muito de ler, ele lia tudo que encontrava: livros, revistas e jornais. Seu pai tinha assinatura de um jornal e ele lia todas as páginas do jornal, embora naquela época não entendesse tudo, mas ele gostava de ler e lia.

O poeta também gostava de conversar, alguns de seus amigos eram pessoas adultas. Nas conversas ficava conhecendo pessoas e histórias e que muitas vezes fazem parte de seus poemas.

Segundo memória oral, em Itabira havia um comerciante no final do século XIX, cujo apelido era Tutu Caramujo. Ele era o único que vendia livros na Cidade, e junto com esses vendia também laranjas no mesmo local.

Ainda na tradição oral, Tutu era um homem muito "pé no chão", ou como se diz atualmente, interessado, precavido, uma pessoa que quer ter certeza a respeito das coisas que faz ou fala.

Quem conhecia o Tutu Caramujo já sabia que ele sempre queria saber: por que isso?... ou por que aquilo?... e, gostava de conversar com todos. Tutu Caramujo foi também, presidente da Câmara Municipal de Itabira no período de 1869 a 1872.

A seguir, apresenta-se o poema "Lanterna Mágica". Este poema foi colocado no ponto 4 dos "Caminhos Drummondianos", em frente ao Terminal Rodoviário "Genaro Mafra" que é a Estação Rodoviária da Cidade de Itabira.

Lanterna Mágica

(...)
IV – Itabira
Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.

Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda,
Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.

(Parte da poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 11. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 10.)

O poema "Lanterna Mágica" possui várias seções. Ele se refere a várias cidades de Minas Gerais. Especificamente, a seção IV é um poema homenageando a Cidade de Itabira.

Uma lanterna é um objeto que serve para iluminar outros na escuridão. A lanterna mágica é uma simbologia que fornece algumas pistas e que pode ser entendida, por exemplo, como uma luz seja aquela refletida pelo Pico do Cauê que já não existe mais na atualidade, mas existia na época do menino Drummond.

Outra possibilidade é a luz da pedra que brilha e que no poema é vista em toda a cidade uma vez que o ferro ou melhor, o minério de ferro estava presente em toda cidade.

Com sua claridade essa lanterna mágica poderia ajudar a iluminar o caminho das pessoas da época: meninos, homens, ingleses ou a sociedade do tempo vivido pelo menino Drummond.

No final do poema, Drummond escreve algumas palavras sobre o personagem Tutu Caramujo. Como este era curioso, questionador e gostava de conversar com seus clientes, queria saber sobre tudo o que acontecia no mundo, o que ocorria com vizinhos e amigos, mas sempre questionava tudo e todos.

Uma interpretação possível é que diante do saber trazido pela lanterna, o conhecimento do personagem Tutu Caramujo era pequeno por mais que tentasse se apropriar da realidade e daí surgia sua derrota diante de um saber maior. Quantas outras interpretações poderiam existir? Cabe ao leitor explorar a magia contida nas palavras do poeta.

Ponto 5

Documentário

O antigo Hotel dos Viajantes estava localizado na Rua Guarda-Mor Custódio com esquina na Rua Dr. Sizenando de Barros, era uma pousada, onde os viajantes que vinham para Itabira a passeio ou a trabalho gostavam de se hospedar.

Era um prédio antigo, que recebeu por décadas, pessoas que vinham de outras cidades, com suas histórias, esperanças, alegrias e oportunidades, e que, pouco a pouco foi construindo a sua história, fazendo parte da história da cidade, e, que depois, com o progresso da cidade, o prédio foi demolido e hoje existe um prédio moderno no local.

A placa, que apresenta a poesia "Documentário" a seguir, foi colocada no ponto 5, localizado na Rua Guarda-Mor Custódio, esquina com a Rua Dr. Sizenando de Barros, em frente à loja do Ponto Frio.

Documentário

No Hotel dos Viajantes se hospeda
incógnito.
Já não é ele, é um mais-tarde
sem direito de usar a semelhança.
Não sai para rever, sai para ver
o tempo futuro
que secou as esponjeiras
e ergueu pirâmides de ferro em pó
onde uma serra, um clã, um menino
literalmente desapareceram
e surgem equipamentos eletrônicos.
Está filmando
seu depois.
O perfil da pedra
sem eco.
Os sobrados sem linguagem.
O pensamento descarnado.
A nova humanidade deslizando
isenta de raízes.
Entre códigos vindouros
a nebulosa de letras
indecifráveis nas escolas:
seu nome familiar
é um chiar de rato
sem paiol
na nitidez do cenário
solunar.
Tudo registra em preto-e-branco
afasta o adjetivo da cor
a cançoneta da memória
o enternecimento disponível na maleta.
A câmara
olha muito olha mais
e capta
a inexistência abismal
definitiva/infinita.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 881. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 25-26.)

A história não pode simplesmente ser jogada fora, demolida, uma vez que quem não tem passado dificilmente terá um futuro. Torna-se interessante preservar a história e a cultura que fazem parte do patrimônio histórico da Cidade.

O poeta maior de Itabira possuía a consciência da necessidade de preservar a história da cidade por meio de seus casarões.

Este poema foi ali colocado em frente à antiga pousada com objetivo de sensibilizar a comunidade de Itabira, sobre a necessidade da preservação da história da cidade, da raiz do povo, cada casa, cada objeto e cada acontecimento tem uma história.

Um fato histórico é um acontecimento real que ocorreu no passado próximo ou recente. Ele está associado, neste caso, àquele que deixou marcas do seu tempo na história, que ergueu as casas com suas paredes, que morou ali com sua família por várias gerações, gerações que foram criando raízes e contando sua história por décadas.

As pessoas passam, mas os imóveis eram como sendo raízes, como documentos, que permaneciam ao longo do tempo, a menos que fossem demolidos e, neste caso, a história se perdia.

No poema, verifica-se que Drummond fala sobre prédio que por muitos anos serviu de pousada dos viajantes que aqui chegava em Itabira a passeio ou a trabalho e que agora já demolido: "sem direito de usar a semelhança" e de outro prédio, o novo, construído no lugar sem história e sem raiz: "A nova humanidade deslizando isenta de raízes".

Ponto 6

Imagem, Terra, Memória

A placa que contém o poema "Imagem, Terra, Memória", foi colocada no ponto 6, em frente à Casa do Brás.

Esta casa foi construída por João Marcelino da Costa Lage em 1857.

Ela pertenceu ao Guarda-Mor Custódio e depois ao seu filho Brás Martins da Costa.

Brás nasceu na Fazenda do Rosário, em Bom Jesus Amparo, em Minas Gerais. Filho do Guarda-Mor Custódio Martins da Costa e de Dona Anna Cândida Teixeira da Motta, era conhecido por todos da cidade como o "Tio Brás".

Era um homem amante dos livros, da língua, sabia falar o grego, o alemão, o inglês e o francês. Era modesto, tímido e bastante religioso, verdadeiro católico praticante, tinha sempre na cabeceira de sua cama o livro "Imitação de Cristo".

Além de comerciante, Brás escrevia artigos para o "Jornal Correio de Itabira", que tempos depois o adquiriu.

Também era fotógrafo amador, e como fotógrafo retratou a sociedade e as paisagens de Itabira, no final do século XIX e início do século XX.

Sua sensibilidade e seu olhar fotográfico nos dão uma excelente visão de Itabira antiga. Ele retrata a época, seus valores, as pessoas do cotidiano, as famílias, as casas e casarões majestosos, os acontecimentos, as reações das pessoas, as paisagens.

Atualmente a casa de Brás pertence à Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade que tem como projeto transformá-la numa escola de música. Apresenta-se a seguir o poema.

Imagem, Terra, Memória

Sobre uma coleção de velhas fotografias
de Brás Martins da Costa

[...]

III

Olha
a ambigüidade melancólica do rosto dessa mulher à janela
que abre para mares impossíveis de liberdade,
enquanto passa em cortejo o alvo corpo do anjinho
no rumo direto do céu
onde com minha Mãe estarei, estaremos todos
na santa glória um dia.

Moças, ó moças
que emergis da piscina do tempo sem uma ruga
a marcar vossos rostos:
no pesado gorgorão dos vestidos de missa,
ressuscitais a moda abolida, a sempre moda.
Na chapa de vidro descoberta no arcaz
gravada ficou a beleza que a opressão familiar
não empalidece, não destrói.
Belas não obstante as proibições seculares
que vos condenavam ao casamento sem amor, ao sexo abafado,
ao tio-com-sobrinha, ao primo rico ou de futuro,
moças do Rio Doce de perfume silvestre,
hoje pousais no solo abstrato,
esse amplo solo que a memória estende
sobre o vazio de extintas gerações.

IV

Fecho este álbum? Ou nele me fecho
em uma luminosa onde converso e valso,
discuto compra e venda, barganha, distrato,
promessa de santo, construção de cerca,
briga de galo, universais assuntos?
Os sete cavaleiros se despedem.
Só agora reparo:

Vai-me guiando Brás Martins da Costa,
sutil latinista, fotógrafo amador,
repórter certeiro,
preservador da vida em movimento.
Vai me levando ao patamar das casas,
ao varandão das fazendas,
ao ínvio das ladeiras, à presença
patriarcal de Seu Antônio Camilo,
à ronha política de Seu Zé Batista,
ao semblante nobre do Dr. Ciriry,
às invenções de Chico Zunzuna,
aos garotos descalços de chapéu,
a todo o aéreo panorama
de serra e vale e passado e sigilo
que pousa, intato, no retrato.

A fotoimagem continua
ontem-sempre, mato a dentro,
imagem, vida última dos seres.

(Parte da poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Farewell. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 63-67. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova

Aguilar, 2001, v.2, p. 1415.)

O poema "Imagem, Terra, Memória" foi escrito por Drummond a pedido dos autores e coordenadores do livro "No tempo do Mato Dentro", com texto de Jussara Freire, para descrever as fotografias de Brás.

Drummond recorda através das fotos do Brás: A moça na janela com olhar triste ao ver passar por ali os caixõezinhos de tantas crianças que morriam naquela época.

Recorda os casamentos sem amor, pois eram escolhidos pelos pais para não espalhar as fortunas da família e às vezes casavam-se tio com sobrinha, como foi o caso do Brás que casou-se com sua sobrinha.

Recorda os hábitos e costumes dos itabiranos e os personagens que marcaram a história da cidade. O tempo é implacável, com o passar deste, a cidade se desenvolveu, cresceu economicamente, surgiram outas casas e pessoas que escreviam suas histórias no cotidiano.

Quando o poeta escreve seus versos, considera as fotos na parede mostrando imagens de um passado que não volta mais. Esse sentido se universaliza em muitas pessoas neste país que saem de suas cidades migrando para outras em busca de estudo ou emprego e que acabam organizando a vida em outras regiões, ficando a saudade e o amor pela terra natal.

Ponto 7

Coqueiro de Batistinha

No centro da Cidade de Itabira, a confluência das ruas Dr. Alexandre Drummond, Guarda-Mor Custódio e Tiradentes se chama Largo do Batistinha.

José Baptista Martins da Costa Filho, tinha o apelido de Batistinha, era um comerciante culto e bom vivant, com um senso de humor apuradíssimo, muito espirituoso. Herdou o casarão de sei pai o Cel. José Batista. Este casarão era a casa de Batistinha e lá também funcionava a sua loja, chamada de "Loja das Palmeiras". Em 1996, não se sabe a causa, um grande incêndio destruiu o sobrado, e lá se foi o casarão do Batistinha, mas não levou os vários causos de Batistinha.

Ao lado do casarão onde hoje é uma praça, havia um coqueiro, comprido e bem fino.

Batistinha tinha um cuidado muito especial com o coqueiro. Sua dedicação era tanta que o coqueiro passou a se chamar Coqueiro de Batistinha.

No ano de 1955, um amigo de Drummond, em visita a Itabira, ele passeando no Largo do Batistinha, logo dá por falta do Coqueiro de Batistinha. Pergunta a todos e ninguém sabe explicar o que havia sido feito do coqueiro.

Não conformado com o acontecido, escreve a Drummond e relata o fato: o coqueiro do Batistinha tinha sumido. Drummond que sabia o quanto Batistinha gostava do coqueiro, escreve e publica o poema: "Coqueiro de Batistinha".

A placa que contém o poema "Coqueiro de Batistinha", foi colocada no ponto 7, na Praça do Largo do Batistinha. O poema seguinte fala sobre a relação entre Batistinha e o coqueiro.

Coqueiro de Batistinha

Já não vejo onde se via
aquele esbelto coqueiro
de Batistinha.

Batistinha não nascera,
o coqueiro ali pousava
a esperá-lo.

Queria ser seu amigo.
Com lentidão de coqueiro
espiava ele crescer.

Amizade que não fala
mas se irradia por tudo
que é silêncio de verdura.

Até que alguém lhe decifra
esse bem-querer de palmas
e chama-lhe:
Coqueiro de Batistinha.

Batistinha vai à Europa,
vê Paris antes da guerra,
vê o mundo
e a luz que o mundo tinha.

O coqueiro, mui sisudo,
jamais saiu a passeio.
Tomava conta da loja
de Batistinha.

Vem Batistinha contando
as maravilhas da terra.
Maravilha outra, a escutá-lo,
o coqueiro
era coqueiro-viajante
nos passos de Batistinha.

O dia se repetindo
dez mil dias, Batistinha

tem esse amigo a seu lado.

Já se finou Batistinha
com tudo que tinha visto
em giros de mocidade.

Sua loja está fechada.
E resta ao coqueiro? Nada.

De manhã cedo, pois cedo
começa a rodar mineiro,
passando por lá não vejo
nem retrato de coqueiro.

A prefeitura o cortou?
Ou o raio o siderou,
o caterpilar levou?

No perguntar-se geral,
sabe menos cada qual
do que saberia um coco.

Tão simples,
e ninguém viu:
sem razão de estar ali,
privado de Batistinha,
o seu coqueiro sumiu.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 126. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 83-85. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1060.)

Verifica-se que Batistinha era uma pessoa muito querida na sociedade itabirana e o poeta faz sua homenagem lembrando tanto do comerciante quanto de seu coqueiro.

O coqueiro ganha vida, metaforicamente falando, e tem ações semelhantes a de um ser vivo. Um exemplo está na frase "O coqueiro mui sisudo jamais saiu a passeio. Tomava conta da loja de Batistinha...". Observa-se que o coqueiro era "um amigo do Batistinha".

A relação entre Batistinha e o coqueiro acaba com o sumiço deste. Para onde teria ido o coqueiro, ou que fim teria levado? Enfim, a vida prossegue e como Batistinha era uma pessoa muito querida na população, sua história continua com a publicação de uma literatura em sua homenagem.

Após a criação do projeto do Museu de Território Caminhos Drummondianos. A neta de Batistinha, Maria Inez Lodi, publica em parceria com o município "O Almanaque de Batistinha".

Ponto 8

Herói

A placa que contém o poema “Herói”, foi colocada no ponto 8, em frente ao casarão da família Camilo de Oliveira, onde funciona a Livraria Real, na rua Tiradentes, que fica no Largo do Batistinha.

O casarão é um sobrado do século XIX. No andar térreo funcionava a farmácia da família. No pavimento superior ficava a residência do farmacêutico Dr. Antônio Camilo de Oliveira. Na época do passado, na qual poucas pessoas possuíam o estudo superior, estes eram considerados como sendo doutores. Doutor Antonio Camilo é o pai de Demerval Camilo de Oliveira (o Dr. Oliveira), do Embaixador Antônio Camilo de Oliveira e do Farmacêutico Eurico Camilo, todos os filhos foram citados no poema de Drummond.

Dr. Oliveira se formou farmacêutico, na Faculdade de Farmácia em Ouro Preto-MG. Depois prosseguiu os estudos cursando Medicina e concluindo o curso na Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. Após isso foi estudar um doutorado em Medicina em Paris, na França.

O estudo de um filho de Itabira foi um grande acontecimento na cidade. Naquela época, as pessoas achavam importante, sair de Itabira, um filho que ia estudar no exterior em outro país, e isso trazia muito orgulho para as pessoas da cidade.

Ao voltar de Paris, a elite itabirana (como disse Drummond: a nata itabirana) preparou uma grande festa para receber o Dr. Oliveira, que estava retornando para casa: arrearam os melhores cavalos com arreios de prata, vestiram-se as melhores roupas e foram em cavalgada festiva esperar o Dr. Oliveira em Santa Bárbara.

O caminho para sair ou voltar para a cidade de Itabira era longo: naquela época para chegar a Itabira, vindo da França, tinha que pegar um navio da França até o Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro vinha de trem até Belo Horizonte e em outro trem até Santa Barbara e de Santa Bárbara até Itabira vinha montado a cavalo.

Quando Dr. Oliveira desce do trem, lá em Santa Bárbara, foi uma grande festa para a cidade: fizeram discurso, soltaram foguetes, quem não tinha foguetes deu tiro para o alto, naquela época era comum andar armado. Depois da celebração em Santa Bárbara, todos vieram em cavalgada festiva até Itabira.

Chegando já a noitinha, na casa do Dr. Oliveira, as pessoas presentes se reuniram ao redor da mesa grande, à luz de lampião para o Dr. Oliveira contar as maravilhas que viveu em Paris.

Toda a cidade sabia e comentava que Dr. Oliveira tinha voltado para casa e era considerado como sendo um herói. A seguir apresenta-se o poema.

Herói

Regressa da Europa Doutor Oliveira.
É dia de festa na cidade inteira.

Doutor Oliveira fez longa viagem.
Maior, mais brilhante ficou sua imagem.

Viajou de cavalo, de trem, de navio.
Foi bravo, foi forte, venceu desafio.

Falou língua estranja, que não percebemos.
Ergueu nosso nome a pontos extremos.

Conversou doutores, de barbas sorbônicas
e viu catedrais, jóias arquitetônicas.

Papou iguarias jamais igualadas
nas jantas mais finas: consommés, saladas,

ovas de esturjão e pratos mil flambantes,
que aqui falecemos sem conhecer antes.

Praticou mulheres das mais perigosas,
ofertou-lhes mimos, madrigais e rosas.

Nenhuma o prendeu entre grades de seda.
Volta o nosso amigo, livre, de alma leda.

Tudo há de contar-nos, a luz do lampião,
para nosso pasmo e nossa ilustração.

Depressa, cavalos e arreios de prata,
que vai esperá-lo o povo bom, a nata.

Da cidade às portas, como triunfador,
eis chega Oliveira, preclaro doutor.

Ginetes ao centos correm a saudá-lo.
Foguetes, discursos e até o abalo

de tiros festivos no azul - eta nós!

dados por Janjão e por Tatau Queirós.

Pois quem destes matos foi até Paris
honrou nossa terra, deu-lhe mais verniz.

E assim, ao apear, desembarca na História
Doutor Oliveira, para nossa glória.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 892.) / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 49-50.

Ainda nos tempos atuais, as pessoas em geral, que vão estudar ou morar no exterior e retornam à terra natal, fazem sucesso ao rever amigos antigos, contar para os moradores locais sobre suas experiências vividas, descobertas e, elas são bem vistas e homenageadas de alguma forma.

Para viajar há um custo elevado que na época na qual Drummond era um pequenino, era uma possibilidade para poucos que possuíam poder aquisitivo para realizar essa façanha e este foi o caso do doutor Oliveira.

Drummond relata suas impressões e imagens sobre o retorno do médico à sua cidade e o fenômeno social que ocorreu que levou a considerar esse profissional como sendo um vencedor na representação coletiva, o senso comum ou a representação social. Este fato ficou eternizado no poema Herói.

Ponto 9

A Antônio Camilo de Oliveira

Em sua botica, conhecida também como a loja onde se vendia remédios, ou a farmácia, citada no poema Héroi, o farmacêutico Antônio Camilo de Oliveira, o pai, sonhava, como todos os pais, com a carreira dos filhos.

O filho mais novo seria um grande advogado, talvez quem sabe, um diplomata..., vai representar o Brasil no estrangeiro.

E assim aconteceu. Depois de passar pelo Colégio Caraça, em Santa Bárbara e pelo Colégio mineiro de Ouro Preto, Antônio Camilo, o filho mais novo, concluiu a Faculdade de Direito em Belo Horizonte.

Numa viagem a passeio pela França, Antonio Camilo, fica seduzido pelo encanto de Paris.

De volta ao Brasil, ele abandona suas atividades em Belo Horizonte, uma promissora banca de advogados e as crônicas na Vila de Minas e muda-se para o Rio de Janeiro.

Após dois anos de prática no Itamarati, realiza o sonho do seu pai, forma-se embaixador e obtém seu primeiro posto no estrangeiro.

Suas férias, depois de longa temporada na Europa, eram todas passadas em Itabira. Onde era sempre um grande acontecimento a chegada do filho ilustre.

A placa que contém o poema “A Antônio Camilo de Oliveira” foi colocada no ponto 9, em frente ao casarão da família Camilo de Oliveira, onde funciona a Livraria Real, cujo proprietário é neto do Dr. Oliveira, na rua Tiradentes, no Largo do Batistinha. O casarão continua, no seu interior, com os mobiliários da época. Basta abrir as portas com pequenas adaptações e já se tem o Museu dos Camilos de Oliveira.

Apresenta-se nas linhas seguintes, o poema homenageando o filho ilustre que é o embaixador itabirano e brasileiro.

A Antônio Camilo de Oliveira

Vai, carteiro, sobre as serras,
rumo da velha Itabira,
terra saudosa entre as terras,
e em certo sobrado mira

aquele em quem tanta viagem
pelas partidas do mundo
não ressecou a miragem
e o sentimento profundo

que acompanha o itabirano
e o faz lembrar com carinho,
na Pérsia ou no Vaticano,
Tico, João Rosa, Todinho...

Conta-lhe que outro exilado
inveja essa romaria
que ora faz pelo passado
na claridade do dia.

Augura-lhe ao lar perfeitos
momentos, no ano feliz,
e apresenta meus respeitos
à senhora Embaixatriz.

Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 338.)

A poesia dedicada a Antonio Camilo de Oliveira, sem a contextualização, tem uma interpretação difícil. Essa contextualização traz elementos externos que ajudam a entender o poema.

Numa cidade do interior é muito difícil ter pessoas que se projetam e alcançam cargos elevados que lhe possibilitam conhecer o Mundo representando o país. Mesmo na atualidade, poucas pessoas têm o privilégio de se tornar representantes do país em outros países.

O farmacêutico Itabirano e, seu filho mais novo homônimo que estudou Direito e posteriormente se tornou embaixador do Brasil no exterior tornaram-se pessoas ilustres na cidade.

A percepção de Drummond capta os acontecimentos e os escreve em sua mente. Os momentos e fenômenos são posteriormente transcritos na forma poética. Essa homenagem a pessoas ilustres da cidade também é uma forma de apresentar a afeição do poeta por sua terra natal. Através de seus poemas, Drummond homenageou várias pessoas da comunidade em seus momentos expressivos de modo a eternizá-los por meio da literatura.

Ponto 10

Processão do Encontro

Na época das tradicionais festas religiosas que aconteciam no Município de Itabira, devido à religiosidade de seu povo, havia o envolvimento grande de pessoas e famílias: a cidade toda se preparava para o evento. Vinham parentes, amigos e moradores de toda a região assistir às procissões.

A casa de João Rosa era um ponto tradicional de parada das procissões: uma que vinha da Igreja da Saúde e outra da Igreja do Rosário. O casarão de João Rosa foi construído por volta de 1896, o sobrado, na parte de cima era sua casa e na parte de baixo funcionava sua loja.

Em frente ao comércio e a sua casa acontecia o encontro das procissões, que os fiéis participantes das procissões denominavam de "procissão do encontro".

O dia da procissão era um dia de grande acontecimento: de um lado vinham os devotos trazendo a imagem de Nossa Senhora das Dores provenientes da Igreja da Saúde, sobre um andor, ornamentado onde se colocava a imagem da santa, e ela era carregada pelos ombros das mulheres. De outro lado, caminhava o grupo dos seguidores de Nosso Senhor dos Passos e, estes eram originados da Igreja do Rosário, também em andor, carregado pelos ombros dos homens.

Quando as duas procissões chegavam em frente à porta da Loja de João Rosa, colocava-se o púlpito, todo enfeitado de cetins drapeados e brilhantes. O padre subia ao púlpito para fazer o sermão para todos que acompanhavam as procissões.

Embora fossem imagens imóveis nos andores, o padre através do sermão tornava aquele encontro numa verdadeira encenação teatral que tirava lágrimas dos olhos de todos os presentes, transformando aquele espaço, o púlpito ao ar livre que brilhava ao sol, numa paisagem de final da tarde, numa verdadeira rua-teatro.

A placa que contém o poema "Procissão de Encontro" foi colocada no ponto 10, em frente ao casarão de João Rosa, na rua Tiradentes, no Largo do Batistinha. O poema é apresentado a seguir.

Procissão do Encontro

Lá vai a procissão da igreja do Rosário.
Lá vem a procissão da igreja da Saúde.
O encontro é em frente à casa de João Rosa.
Encontro de Mãe e Filho
trágicos, imóveis nos andores.
Ao ar livre
o púlpito de púrpura drapeja
no entardecer na serra fria.
A voz censura ternamente o Homem
que se deixa imolar por muito amor
e do amor materno se desprende.
Não há nada a fazer para impedi-lo?
A terra abre mão de seu resgate
para salvar o Deus que quis salvá-la.
O ferro da cidade se comove,
não o peito do Cristo.
E o roxo manto, as lágrimas de sangue,
a cruz, as sete espadas
vão navegando sobre ombros
pela rua-teatro, lentamente.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 26. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 48. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1036.)

O poema retrata uma óptica da vida Itabirana: uma cidade do interior mineiro, de uma região de mineração, com seus séculos de existência e, a predominância da população católica.

Itabira possui várias igrejas católicas algumas antigas e outras mais recentes. A religiosidade do povo pode ser constatada por meio das procissões que são marchas solenes nas quais os padres e outros clérigos desfilam carregando imagens veneráveis, seguidos pelos seus fiéis.

Como afirma o poema, uma das procissões era a que vinha da igreja do Rosário e outra a que era proveniente da igreja da Saúde. Ambas se encontram e pelo acaso, uma era aquela na qual vinha o filho e outra a aquela na vinda da mãe e ambos se encontram de modo semelhante a um teatro a céu aberto.

Ponto 11

Terrores

Itabira é uma cidade com topografia sinuosa entre seus morros e vales. Estes facilitam a criação de ruelas estreitas, muitas vezes sem saída que, geralmente são mal iluminadas e, não são ideais para o trânsito de veículos. Essas ruelas são denominadas de beco.

O Beco do Calvário fica localizado em uma região central da Cidade de Itabira. Ele possui muitas histórias que são mencionadas pelos moradores mais antigos da localidade. Foi palco de vários acontecimentos tristes na Cidade: servia de passagem para chegar à antiga cadeia do município, que até o início do ano de 2009, funcionava no alto do morro. O beco servia também de passagem, como um atalho para se chegar ao cemitério antigo do Cruzeiro que ficava em frente à cadeia.

Segundo História Oral, o Beco do Calvário era o local onde os criminosos que vinham da Rua do Matadouro, antes de serem levados para a cadeia, eram torturados pela polícia.

Também segundo Clovis Alvim, um psiquiatra itabirano, que escreveu muitas das histórias de Itabira, e no começo do século XX as condições de higiene e medicação eram da época e morriam-se muitas crianças: eram tantas que, naquela época na Cidade, passava-se a ser um evento comum.

Quando morria uma criança, para o enterro, reuniam-se as crianças vizinhas, colocava o "anjinho" no caixãozinho branco e saiam pela rua cantando: "Com minha Mãe estarei".

O enterro da criança, e também as crianças que acompanhavam o enterro, para cortar caminho na ida do cemitério, passavam pelo Beco do Calvário.

Conta-se também que na época de comemoração da Semana Santa, havia uma procissão só de homens, todos encapuzados e com uma tocha na mão, passavam a meia noite neste beco batendo com cajado no chão.

Também, naquela época, no distrito do Carmo, que fica distante cerca de 40 Km em relação ao centro de Itabira, havia uma celebração de missa, um culto religioso católico, mensal, após a missa algumas pessoas seguiam para as vendas beber.

A ingestão de bebidas alcoólicas sem moderação, muitas vezes tinham como consequência as provocações e brigas na qual se envolviam facas e instrumentos perfuro-cortantes. Os resultados desses acontecimentos eram: lesões, ferimentos e mortes.

As armas brancas tipo faca, facão, canivete, estilete ou navalha eram as armas comuns dos moradores da época.

Os assassinos também eram trazidos para Itabira. Eles passavam pelo Beco do Calvário para serem presos na cadeia que ficava em cima do morro.

Outra história contada pelos antigos moradores de Itabira, é que existia na época um homem chamado Emerenciano, era de família nobre. Ele possuía o hábito de usar sempre uma capa preta e, por causa disso, as crianças pensavam que ele era um bruxo.

Os pequeninos tinham medo da imagem que Emerenciano, caminhando pelo Beco do Calvário, lhes passava e muitos acreditavam que ele era bruxo.

Outra lenda contada pelos antigos moradores de Itabira, existia no alto do beco existia um tronco onde os escravos eram amarrados e castigados publicamente, quando estes desobedeciam os seus senhores.

A placa que contém o poema “Terrores” foi colocada no ponto 11, no Beco do Calvário. A seguir apresenta-se o poema.

Terrores

Na Rua do Matadouro
e no Beco do Calvário
a nuvem de mau agouro
e o clarão extraordinário
vão gritando o fim do mundo
mal a vida começara
e o corpo, esse trem imundo
que em pecado se atolara,
não tem tempo de lavar-se
para o Dia do Juízo
nem de vestir-se o disfarce
que cause dó sob riso.
Nas lajes de ferro e medo
os pés correm desvairados
sentindo chegar tão cedo
a morte em seus véus queimados.
Fuge, fuge, itabirano,
que embora o raio te pegue
na porta de Emereciano,
o Diabo não te carregue
antes que vejas teu pai
e lhe passes num olhar
o que da boca não sai
mas se conta sem falar.

.

A procissão corta
o passo.
São vultos encapuzados
são fantasmas alinhados
pesadelos esticados
fantoches tochas fachos
almas uivando
todos os antepassados
sem missa
presos
da cadeia em ruinas
soltos em bando
o assassino do Carmo
e sua faca-relâmpago
enorme, sobre a igreja,
os anjinhos que vão sendo carregados

tão depressa que é um apostar corrida
de caixões brancos no escuro
da Rua do Matadouro
rumo ao Beco do Calvário
onde te espera o carrasco
e o capeta com seu casco
de fogo ao pé do carrasco.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 107. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 236-237.)

Quando o leitor é apresentado ao poema, mas sem a contextualização, torna-se difícil as frases e palavras fazerem sentido.

Por meio do nome, tudo leva crer que se trata de um poema que lida de assuntos místicos.

O poema fala dos vultos encapuzados, facas-relâmpagos, caixões brancos, carrasco e um senhor de nome Emereciano que sempre usava capa negra. Há uma mistura de várias situações que só são entendíveis em contextos locais e acontecimentos da época.

O estudo desses contextos foi realizado "in loco" de modo a possibilitar o entendimento da fenomenologia. A análise do conteúdo empregada segue a escola francesa, que procura trazer elementos externos que facilitam e permitem o entendimento do conteúdo textual.

Ponto 12

Cultura Francesa

Drummond, na sua infância, frequentou sua primeira escola foi Escola Municipal Coronel José Batista. Essa escola iniciou suas atividades no ano de 1907 e inicialmente era uma escola estadual cujo nome era “Grupo Escolar Doutor Carvalho de Brito”. Posteriormente a instituição foi municipalizada e recebeu seu nome atual como escola do Município de Itabira.

O poeta permaneceu na escola até concluir os estudos do antigo primário: estudou de 1910 a 1913. Não havia ainda escolas do antigo nível ginasial que correspondiam do quinto ao oitavo ano. Atualmente, a Educação Básica brasileira começa aos 6 anos com o primeiro ano do Ensino Fundamental I que vai até o quinto ano e, do sexto ao nono ano funciona o Ensino Fundamental II.

Na época, como só havia o primário que seria equivalente ao Ensino Fundamental I, para prosseguir nos estudos era necessário ir morar e estudar em outra cidade de maior porte que possuísse uma escola correspondente ao Ensino Fundamental II. Por esse motivo, o pai do poeta o enviou para Belo Horizonte. Ele conclui o antigo ginásio quando tinha 15 anos, era o ano de 1917.

Drummond, como já se mencionou anteriormente neste texto, não queria estudar em outra cidade, queria ficar em Itabira, ele gostava de sua casa, seus amigos, colegas e, não queria ir para outro lugar.

Para prosseguir nos estudos, era preciso estudar numa cidade maior, onde houvesse colégios. Não havia como refutar a voz autoritária do pai, grande fazendeiro da região. Drummond teve que obedecer seu pai e foi estudar no Colégio Arnaldo em Belo Horizonte. Como se mencionou anteriormente, de tristeza ele ficou doente dois meses depois seu pai o trouxe de volta para Itabira.

Neste período o pai de Drummond o matriculou nas aulas de Francês do Mestre Emílio Pereira de Magalhães, antigamente o professor era chamado de mestre, este montara um curso ao lado de sua morada, por onde se passava por uma passarela interna.

Segundo memória oral Mestre Emílio era um professor muito enérgico e que ninguém nem olhava para os lados, durante as suas aulas. Na turma de Drummond havia um aluno chamado Murilo que sentava no último banco e aprontava as maiores traquinagens e travessuras sem que o Mestre Emílio percebesse. E assim Murilo, aluno levado, atrapalhou muito os seus colegas nas aulas de francês.

Em sua formação, o ilustre Mestre Emílio era egresso do Colégio do Caraça, no qual estudou o curso de Humanidades e Teologia. Este instituto de ensino se localizava na localidade denominada Santa Bárbara, na Serra do Caraça, local no qual se erguia o prédio imponente dessa escola, que era dirigida pelos Padres da Congregação Lazarista.

O mestre afastou-se da Escola Caraça dedicando-se ao magistério particular. Morou nas cidades de São Domingos do Prata e em Ouro Preto. Nesta cidade fez uma prova para regência das cadeiras de Latim e francês, criadas em Itabira. Foi classificado e nomeado em 1879.

Mestre Emílio também foi o diretor do "Grupo Escolar Doutor Carvalho de Brito", a primeira escola de Itabira, que como já se mencionou anteriormente, passou a se chamar "Escola Municipal Coronel José Batista". Militou também na política, junto ao comendador José Antônio da Silveira Drummond, presidente da Câmara Municipal com quem comandou o correio de Itabira.

A placa, que contém o poema "Cultura francesa" foi colocada no ponto 12, na Rua Tiradentes, em frente à casa que pertenceu ao Mestre Emílio Pereira de Magalhães. Esse poema é apresentado a seguir.

Cultura Francesa

Com Mestre Emílio aprendi
esse pouco de francês
que deu para ler Jerry.

Murilo, diabo na aula,
tinha gestos impossíveis,
que nem macaco na jaula.

Mestre Emílio, tão severo
não via no último banco
o aluno de moral-zero.

Os verbos irregulares
saltavam do meu Halbout,
perdiam-se pelos ares.

Nunca mais os encontrei...
Talvez Brigitte Bardot
me ensinasse o que não sei.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 118. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 78. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1057.)

O poema fala das aulas de francês que o poeta estudou com seu professor Mestre Emílio. Para entendimento da fala apresentada nele torna-se interessante o saber contextual que traz os elementos externos como ocorreu nos poemas anteriores.

O francês era o idioma culto da época. A cultura francesa trazia elementos importantes que influenciaram o Brasil como é o caso do Positivismo que é um movimento que surge na França do século XIX e que possui representantes como é o caso de August Comte e Jean Jacques Russeaux.

O Positivismo está presente na frase da bandeira brasileira "Ordem e Progresso". A disciplina nas escolas era um ponto importante. Mestre Emílio como conta a tradição oral presente nas pessoas mais idosas de Itabira, muitos dos quais eram contemporâneos do poeta maior de Itabira ou filhos de pessoas que conviveram com o poeta.

Na óptica de Drummond, Murilo era o aluno que atrapalhava seus colegas nas aulas.

Mais um aspecto interessante citado pelo poeta é a colocação "Talvez Brigitte Bardot me ensinasse as coisas que não sei". Brigitte Bardot é atriz francesa famosa na década de 60. Famosa pela beleza, é possível que o poeta se incentivasse em aprender mais caso a professora fosse a famosa atriz.

Ponto 13

Sobrado do Barão de Alfié

A região, onde hoje é a Cidade de Itabira começou o seu povoamento no século XVIII, com a descoberta de ouro no Córrego da Penha que descia das encostas das montanhas itabiranas, como também no Rio Tanque em Senhora do Carmo pelos exploradores de ouro, que vinham para a região atraídos pelo ouro, e aos poucos foram trazendo suas famílias e construindo suas casas.

E assim muitos casarões foram construídos na Cidade de Itabira e hoje muitos deles foram tombados, constituindo um patrimônio histórico da cidade.

A placa que contém o poema "Sobrado do Barão de Alfié" foi colocada no ponto 13, na Rua Tiradentes, em frente ao casarão que hoje funciona como Hotel Itabira.

O sobrado pertenceu a Joaquim Carlos da Cunha, o Barão de Alfié, e foi construído por seu pai, Cassemiro Carlos da Cunha Andrade.

Logo após, no início do século XX, o casarão passou a ser propriedade de Dr. Olintho Horácio de Paula Andrade, juiz de Direito, pai de Amarylles, amada de José, irmão de Carlos Drummond de Andrade.

O poeta, neste poema apresenta o casarão, um grande sobrado, um do mais imponente da cidade, ele lembra de seus vasos de porcelana, das louças vindas de Portugal, da cimalha, a diferença deste casarão com os demais, das escadas que lembra um trono, de suas formosas primas, as filhas do Dr. Olintho Horácio de Paula Andrade, nas sacadas do sobrado, aguardando a procissão passar e sua história.

Hoje este sobrado pertence à família de Hugo de Paula Andrade e nele funciona o Hotel Itabira.

Sobrado do Barão de Alfié

Este é o Sobrado.
Existam outros, mas não se chamem
o Sobrado, peremptoriamente.

A escada de duas subidas já define
sua importância: lembra um trono.
É casa de barão, entre plebeus.

Sob a cimalha vejo a estatueta
de louça lusitana, vejo os vasos
de azul-vaidade, contra o azul do céu.

As sacadas, onde pairam minhas primas
acima das procissões, jovens olímpicas
entre vôo e terra.

Ó século glorioso 19,
reinante no Sobrado, onde a quadrilha
estronda as tábuas do soalho, mal sabendo
que outro tempo chegou para levar
na dança o que é sobrado e contradança.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 959. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 191.)

As casas como considera Drummond, revelam muito da história de uma sociedade e de uma época. O sobrado ou casarão do Barão em foco possui dois pavimentos: no inferior funciona a recepção do hotel, alguns quartos e o refeitório no qual se serve o café matinal.

Há um pavimento inferior ainda que corresponde a um local no qual atualmente funciona um excelente restaurante o qual é gerenciado por descencentes, membros da família.

O sobrado possui muitos quartos, as portas são altas e de madeira maciça. As janelas também são de madeira antiga e pesada. O assoalho é feito de madeira grossa, daquelas para durar por muitas e muitas décadas.

Próximo à recepção há o brasão da família Andrade. Esse sobrado foi palco de muitas histórias interessantes envolvendo as famílias Drummond e Andrade. Muitas histórias antigas são referentes às gerações anteriores e que são contadas pelos descendentes com muita satisfação.

O ambiente itabirano é muito rico e o contexto explica como nasceram muitos poemas de Drummond. Um deles é o poema José que ocorre nesta residência e é visto no próximo ponto ou estação e que é objeto do próximo ponto.

Ponto 14

José

O casarão foi palco do acontecimento que está relacionado com a poesia de Drummond: "José".

No sobrado morava o juiz de direito chamado Dr. Olintho Horácio de Paula Andrade, tio de Drummond e ele tinha filhas muito bonitas e, dentre elas Amarillys, que era chamada carinhosamente de Lili. Ela era uma moça linda, bastante extrovertida, tocava piano e dançava muito bem.

Naquela época eram comuns os saraus. Estas são encontros festivos noturnos, com a finalidade de ouvir música, conversar e, dançar. Certo dia, em um dos saraus, no casarão, José, irmão do poeta Drummond, convidou a prima Lili para dançar e, durante a dança tomou-lhe suas mãos em um beijo apaixonado. Após o beijo, propôs casamento a Lili, e ela aceitou.

José que era um moço confiante, dominador e, nada tímido: alto, bonito e de vasta cabeleira negra, tornou-se apaixonado pela prima Lili. Muito feliz, falou para a prima que, quando eles se casassem ele iria construir uma casa com uma grade de ferro na frente bem alta, para que ninguém se aproximasse dela.

Amarillys, apavorada, pela perspectiva de ficar escondida dentro de casa depois do casamento, recusou o casamento e terminou o namoro com José. Este ficou muito triste diante da recusa do casamento e, término do noivado.

Logo a seguir, Lili fica noiva de um rapaz de São José da Lagoa, região próxima à Itabira que, atualmente é o Município de Nova Era. José, no seu íntimo não fica feliz com essa nova realidade e, sua insatisfação se manifesta num momento à frente na época da celebração religiosa de Corpus Christi.

A festa de Corpus Christi ocorre em uma quinta-feira de junho. Ela é uma das maiores celebrações da liturgia da Igreja Católica em Itabira. Devido à religiosidade de seu povo, ela atraia parentes e amigos e moradores da região.

No casarão do Juiz Dr. Olintho Andrade, Lili estava em polvorosa com a chegada dos parentes, em especial a do noivo Sebastião Araujo, que viera de São José da Lagoa, acompanhado de seus pais para ver a festa. A tensão já estava no ar. A procissão iria passar em frente ao casarão, que já se encontrava todo enfeitado. Os familiares esperavam nas varandas e nas janelas.

Quando Dr. Olintho de Andrade olhou da sacada para ver se a procissão já vinha. Ele viu o José no meio da procissão, na rua Tiradentes, montado em seu cavalo preto chamado de "sapatinho", galopando o seu cavalo.

Olintho pressentiu as reações de um homem apaixonado e pediu a Sebastião e Lili para se trancarem em um quarto, e aos outros filhos que descessem para o andar de baixo.

José parou o cavalo na escadaria do casarão, desceu do cavalo e subindo as escadarias do sobrado fora de si e gritando: "Amarillys, Amarillys, você é minha".

Os irmãos chegaram e contiveram o José, ele tinha a intenção de raptar Amarillys e fugir com ela na garupa do cavalo. E o alvoroço foi grande naquele dia.

O poema José é um dos mais famosos e celebrados do poeta. A placa que contém o poema "José" foi colocada no ponto 14, na Rua Tiradentes, no 113, em frente ao casarão que funciona como Hotel Itabira. Apresenta-se a seguir o poema José.

História extraída da fonte: (ANDRADE, Maria Rosa Martins da Costa. Um sobrado na história de Itabira. Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira, s.d.)

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
E agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão

quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais,
José, e agora?

se você gritasse
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, p. 20-21. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Seleta em prosa e verso. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 154-155. / ANDRADE, Carlos Drummond de. José: novos poemas – fazendeiro do ar. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 94-96. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. p. 27-29. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 106.)

O poema José em princípio parece ser universal, uma vez que se trata de um nome comum no Brasil e nos países de língua espanhola.

Quando se entrevistam itabiranos antigos e parentes do poeta Carlos Drummond de Andrade, desvela-se que José realmente existiu, era irmão do poeta e passou por uma situação difícil ao se apaixar pela prima.

Por meio da história de José que é contada oralmente, e observando-se as fotografias familiares antigas, entende-se o que ocorreu e o por quê do poema que era um questionamento para José diante das dificuldades e o constrangimento criados por este aos familiares, aos irmãos do poeta, a família do Dr. Olintho e à sociedade.

Devido à simplicidade do poema e às colocações genéricas como é o caso de "Você que é sem nome, que zomba dos outros...", acredita-se que muitas pessoas possam transpor sua realidade para outras situações que podem ser consideradas como sendo de difícil solução como é o caso da perda de emprego, da falta de pagamento de obrigações, da reprovação nos exames escolares e tantas outras que ocorrem no cotidiano das pessoas.

Apesar do poema José falar especificamente de um José, na interpretação do senso comum, pode-se considerar como sendo os "Josés da vida, do cotidiano, do mundo" e essa interpretação e transposição torna-se possível para cada leitor. Para todo problema torna-se interessante buscar uma saída, uma solução e vem os questionamentos populares realizados nos tempos atuais: "E aí Zé?" ou, "Qual é Zé?", "O que aconteceu José?" ou "Que zorra é essa Zé?" ou "O que se vai fazer Zé?". E assim, a popularização do poema fez com que o específico passasse para o geral.

O poema é tão celebrado e popularizado no Brasil que foi até gravado em vários ensaios musicais. Alguns deles, estão presente na mídia atual da Internet/Web na rede social de vídeos disponibilizada nos endereços eletrônicos:

1) DINIZ, P. E agora José?. Album de Paulo Diniz publicado na rede social por Paulo Hortêncio em 21 mar. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1L9mZIxgaq0. Acesso em: 25 dez. 2017.

2) ALIRA. E Agora, José? Clipe e Música da poesia de Carlos Drummond de Andrade publicado pela ALira Poemas que Cantam. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTTr69Gy0v0>. Acesso em: 25 dez. 2017.

3) SAFADÃO, W. Música e agora José? Publicado pela CS Musica em 28 nov. 2017. Disponível em: <>. Acesso: 25 dez. 2017.

Verifica-se que há uma popularidade grande em relação ao poema e que por conseguinte, trazem consigo valores, questionamentos e consagram o nome do poeta e suas gerações para a eternidade.

Observa-se que o conhecimento do contexto permite saber o porquê das palavras contidas no poema bem como sua significância e sentido originais.

Ponto 15

Paredão

A placa que contém o poema “Paredão” foi colocada no ponto 15, no paredão da Rua Tiradentes. Temos em Itabira um conjunto de 5 paredões tombados pelo COMPHAI. Foi escolhido o poema da Rua Tiradentes para colocar o Poema Paredão pela sua história que melhor conextualiza o poema.

O paredão da Rua Tiradentes, segundo história oral teria sido construído na administração do Coronel José Batista, Presidente da Câmara Municipal no período de 1900 a 1912. Esse foi construído com objetivo de conter a terra da Rua Tiradentes, situada em nível mais elevado em relação à Rua Padre Olímpio.

O paredão foi um local de encontro dos jovens que se reuniam ao som de músicas no serviço de alto-falantes, para conversar, muitos namoros se iniciaram ali naquele local. Junto a ele as moças passeavam pela rua, enquanto os rapazes encostavam-se no paredão para observarem as moças.

Quando um rapaz queria namorar uma moça, ele oferecia uma música para ela no serviço de alto-falante que existia próximo. Naquela época não se podia falar o nome de uma donzela em público no alto-falante, então o rapaz falava indiretamente, fazendo uma descrição dos protagonistas candidatos ao namoro, por exemplo: “o rapaz de calça preta e camisa branca oferece a música para a moça de vestido vermelho e sapato preto”.

Caso a moça estivesse interessada, ela mandava um bilhete dizendo: “A moça de vestido vermelho retribui a música ao rapaz de calça preta e camisa branca”. O rapaz então, dava um sinal para moça que entendia que queria saber o dia que poderia ir a sua casa para pedir seu pai para namorá-la. Ela respondia por sinal, marcando o dia e hora.

Chegando em casa avisava a mãe, que soube por uma amiga que um rapaz iria a sua casa pedi-la em namoro. A mãe preparava o espírito do pai, que ao receber o pretendente da filha, a primeira pergunta seria: De quem você é filho?

O pai da moça só dava o consentimento para o namoro, se o rapaz fosse do mesmo nível social e econômico, caso contrário, o pedido era negado. Apresenta-se a seguir o poema Paredão.

Paredão

Uma cidade toda paredão.
Paredão em volta das casas.
Em volta, paredão, das almas.
O paredão dos precipícios.
O paredão familial.

Ruas feitas de paredão.
O paredão é a própria rua,
onde passar ou não passar
é a mesma forma de prisão.

Paredão de umidade e sombra,
sem uma fresta para a vida.
A canivete perfurá-lo,
a unha, a dente, a bofetão?
Se do outro lado existe apenas
outro, mais outro, paredão?

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 39-40. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1030.)

O paredão representava para a época, um local no qual os jovens podiam iniciar um relacionamento de modo semelhante aos tempos atuais, ou pode acontecer nas redes sociais, nos sites de relacionamento, em uma lanchonete, um cinema, academia ou salão de danças etc.

Naquela época era comum a união com interesses sociais e econômicos por esse motivo, porém nem todos relacionamentos eram aceitos pelos pais, numa época na qual a influência destes era muito maior.

E assim, o paredão se transformou em "paredão de pedra" e o "paredão familial", onde as moças passavam para lá e para cá, mas continuavam presas às ordens dos pais, o que naquele momento não havia o que fazer.

Ponto 16

O inglês da Mina

Na época que os ingleses compraram as minas em Itabira, eles passaram a morar região da Serra da Conceição. Não eram de muitas conversas e, uma vez por mês eles vinham na venda de Randolfo Martins da Costa fazer suas compras, mas raramente conversavam com as pessoas que encontravam.

O comércio ou venda de Randolfo era uma mercearia que se vendia quase de tudo, desde bebidas até agulha. O local onde funcionava a mercearia, era um casarão do século XIX, de propriedade de Randolfo Martins da Costa.

Enquanto o coronel Carlos de Paula Andrade, pai do poeta, procurava qual seria o melhor colégio para colocá-lo, pois era amante da leitura, após ter terminado o ensino primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho de Brito, aproveitando este tempo, Carlos Drummond pede ao pai para trabalhar na Venda do Randolfo, o pai não entendeu o motivo do filho que tinha de tudo querer trabalhar como empregado.

Drummond muito curioso em conhecer os hábitos e costumes dos ingleses, achou que trabalhando de caixeiro na venda do Randolfo, onde os ingleses faziam suas compras mensalmente, ele poderia conhecer os hábitos e os costumes dos Ingleses que haviam comprado as minas e viviam lá na Serra da Conceição. Ele pediu emprego ao Randolfo como caixeiro, pois sendo caixeiro ele atenderia os ingleses, e assim ele passaria a conhece-los melhor.

Os ingleses não se comunicavam com ninguém e quando vinham à cidade só falavam em inglês. Grande foi a sua decepção, pois o que conseguiu descobrir, foi apenas saber que eles gostavam de comer muito bem, compravam muito e pagavam melhor ainda. Os hábitos e costumes, quem sabe um dia talvez...

A placa que contém o poema "O Inglês da Mina" foi colocada no ponto 16, na Rua Tiradentes, em frente ao Beco do Caixão. Apresenta-se a seguir o poema.

O Inglês da Mina

O inglês da mina é bom freguês.
Secos e molhados finíssimos
seguem uma vez por mês
rumo da serra onde ele mora.
Inglês invisível, talvez
mais inventado que real,
mas come bem, bebendo bem,
paga melhor. O inglês existe
além do bacon, do patê,
do White Horse que o projetam
no nevoento alto da serra
que um caixeirinho imaginoso
vai compondo, enquanto separa
cada botelha, cada lata
para o grande consumidor?
Que desejo de ver de perto
o inglês bebendo, o inglês comendo
tamanho lote de comibebes.
Ele sozinho? Muitos ingleses
surgem de pronto na mesa longa
posta na serra. Comem calados.
Calados bebem, num só inglês.
Talvez um dia? Talvez. Na vez.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 90-91. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1065.)

Os versos do poema, quando contextualizados, ganham mais significado e fazem mais sentido. Sem a contextualização da loja ou venda de Rodolfo, os conceitos presentes no poema são difíceis ou até mesmo impossíveis de se entender, uma vez que as relações entre os conceitos tornam-se ausentes no poema que procura sintetizar e resumir as palavras.

O desvelamento é realizado por meio do levantamento de informações externa que é realizado "in loco" junto as pessoas da região na qual o poeta Drummond residiu.

A mineração foi de propriedade dos ingleses da Iron Company durante vários anos. Era razoável que estes enviassem vários engenheiros, técnicos e pessoas experientes provenientes de seu país de origem para trabalhar na mineração. Na época, o idioma inglês não era tão popular como nos tempos atuais e havia uma predominância do idioma francês como segunda língua.

Devido a diferença de idioma entre o inglês e o português, era razoável também que houvesse dificuldades de comunicação. Havia poucas pessoas que dominavam os dois idiomas e este fato pode justificar em parte a pouca comunicação com os ingleses da mina. Além da comunicação oral há também os aspectos da cultura e religião que podem fazer com que haja pouco contato entre pessoas de outras origens.

Observa-se que Drummond tem origem em uma família escocesa. A Escócia é parte da Grã-Bretanha mas não é a Inglaterra que é um país que juntou a Escócia e Irlanda e outros estados menores. Além disso, como já se mencionou, o idioma que era ensinado como culto na época era o francês e nosso poeta estudou esse idioma na escola como já se comentou em poema anteriormente. Dessa forma, no imaginário do menino e posteriormente, do poeta, ficam as indagações do que seria possível e a esperança de um dia aprender o idioma dos estrangeiros para poder se comunicar com eles.

Ponto 17

A Alfredo Duval

Nascido em Itabira, em 1873, Alfredo Duval comandou a construção das primeiras redes de água e chafarizes da Cidade de Itabira, além das primeiras instalações sanitárias.

Esculpia imagens de santos, mulheres ou animais nos chafarizes como é caso do Chafariz da Aurora que, segundo pesquisa oral, ficava no bairro do Pará que se localiza em uma região mais alta do Município de Itabira, outros dizem que ficava no bairro do Campestre que é outro bairro próximo.

A primeira imagem de um santo desenvolvida por Duval foi construída com objetivo de ajudar a Cidade: a imagem que existia anteriormente era a do "Senhor Morto". Esta havia sido danificada quando ocorreu a queda de parte de uma parede próxima em uma reforma.

Naquela ocasião, o Padre Olímpio avisou aos moradores da cidade que não haveria as comemorações na Semana Santa, uma vez que a imagem do Senhor Morto estava danificada e este fato entristeceu os habitantes da localidade.

Segundo Maria Duval, filha de Alfredo Duval, quando seu pai ficou sabendo que não haveria a comemorações da Igreja na Semana Santa, ele chegou em casa, providenciou um tronco de árvore projetou com uma vela a sombra da filha no tronco e esculpiu uma nova imagem para desenvolver sua técnica. Esta escultura se encontra desde aquela época na Igreja do Rosário no centro de Itabira.

Daí por diante, Alfredo Duval passou a ser santeiro profissional. Seus ajudantes eram os filhos e, suas obras eram vendidas em Itabira e região, incluindo os distritos e municípios vizinhos de Ipoema, Senhora do Carmo, São Domingos do Prata, Passabém, Santa Bárbara, Nova Era e Barão de Cocais. Duval trabalhava sob encomenda, as peças eram confeccionadas principalmente em madeira. Havia também obras feitas em papel machê.

A amizade entre Drummond e Duval se inicia por meio das trocas de revistas e livros. Desta forma, ficaram amigos apesar das diferenças etárias: um Duval adulto e, um Drummond ainda novo, uma criança naquela época.

O menino Drummond, saia de sua casa, descia a Rua do Bongue (hoje Rua Monsenhor Julio Engrácia) e vinha à casa de Alfredo Duval, e ficava na varanda, conversando sobre os livros e revistas que trocavam.

A casa de Alfredro Duval é uma casa de esquina, que, na frente principal da casa tem uma varanda, com uma pequena cerca de cor azul, onde o poeta sempre tinha agradáveis momentos de prosa, comentando sobre os livros que tinha lido.

Drummond gostava muito de conversar com seu amigo Alfredo, que lhe contava muitas histórias, de como fazia suas imagens e esculturas, as pessoas que posavam para ele, de como ele se tornara o santeiro da cidade, o poeta ouvia atentamente e, após as conversas, ele pegava as revistas ou livros emprestados e voltava para casa.

Muitas vezes Duval colocou Eurico Camilo, filho do farmacêutico Antônio Camilo de Oliveira, a pousar horas e horas, servindo de modelo para esculpir a imagem de Cristo.

Havia na Cidade, o Teatro Municipal em cuja fachada Duval colocou um globo azul com uma águia em cima, verdadeira obra de arte. Este teatro foi demolido e hoje existe no local o imóvel onde funciona um dos prédios do correio, na Praça Monsenhor Felicíssimo.

Em 13 de dezembro de 1997, foi colocada na Cidade de Itabira, a primeira placa a ser colocada em uma cerimônia que homenageava uma pessoa, a aniversariante Maria Nielsen Duval, filha do santeiro, que completava 96 anos na época.

A placa que contém o poema “A Alfredo Duval” foi colocada no ponto 17, em frente à casa de Alfredo Duval, na Rua Princesa Isabel, esquina com a Rua Monsenhor Júlio Engrácia. A seguir, apresenta-se a poesia em homenagem a Duval.

A Alfredo Duval

Meu santeiro anarquista na varanda
de casinha do Bongue, maquinando
revoluções ao tempo em que modelas
o Menino Jesus, a Santa Virgem
e burrinhos de todas as lapinhas;
aventureiro em roupa de operário
que me levas à Ponte dos Suspiros
e ao Pátio dos Milagres, no farrancho
de Michel Zevaco, dos Pardaillan,
Buridan, Triboulet (e de Nick Carter),
ouço-te a rouca voz chamar Eurico
de nazarena barba caprichada
e retê-lo a posar horas e horas
para a imagem de Cristo em que se afirme
tua ânsia artesanal de perdurar.
Perdura, no frontispício do Teatro,
a águia que lá fixaste sobre o globo
azul da fama, no total desmaio
do teu, do nosso tempo itabirano?
Quem sabe de teus santos e teus bichos,
de tua capa-e-espada imaginária,
quando vagões e caminhões desterram
mais que nosso minério, nossa alma?
Eu menino, tu homem: uma aliança
faz-se, no tempo, à custa de gravuras
De semanais fascículos românticos...

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 129. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 79. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1057.)

O poema é escrito em homenagem ao amigo Duval. Este como já se mencionou nas linhas anteriores, era muito mais velho que Drummond, porém isso não impediu que ambos desenvolvessem uma amizade que prosseguiria ao longo do tempo, que é relatada oralmente pelas pessoas mais velhas da região e que é eternizada por meio do poema "A Alfredo Duval".

Verifica-se que os elementos presentes no poema são os observados na pesquisa em campo "in loco" nas proximidades da casa de Duval, por meio de pessoas mais idosas que chegaram a conhecer ou ouviram de seus pais as histórias referentes aos dois personagens: Duval e Drummond. Muitas das histórias de Drummond e Itabira foram contadas por Julieta Drummond Muller, sobrinha do poeta, filha do Flaviano o irmão mais velho de Drummond, casado com Ita filha de Dr. Olintho Andrade e irmã mais velha de Lili.

A casa de Duval era próxima da de Drummond e aquele lhe contava muitas histórias de como havia se tornado um santeiro. Ambos eram artistas e enquanto Duval esculpia suas obras, Drummond aprendia como lidar com a arte para em momentos posteriores, escrever sua vasta obra literária.

As lembranças de Drummond em relação às pessoas de sua convivência e que constam em seus poemas mostram de modo claro seu amor pela cidade mineira que ficaram na mente e anos depois foram transcritas na literatura.

Ponto 18

Primeiro automóvel

Francisco Osório de Menezes era dentista. Seu apelido era Chico Osório e ele foi a primeira pessoa a adquirir um automóvel na Cidade de Itabira.

Segundo seu filho Luiz Menezes, ex-deputado estadual e já falecido, naquela época não havia estrada para carro, as pessoas iam de cavalo de Itabira até Santa Bárbara e lá embarcavam e viajavam por meio de trem ferroviário para Belo Horizonte.

Chico Osório foi o primeiro cidadão itabirano a adquirir um veículo e trazê-lo para a cidade. Ele comprou um carro e por meio dele veio inicialmente até a cidade de Santa Bárbara de Trem. O problema era de Santa Bárbara até Itabira, uma vez que não existia estrada para carros. A solução do problema foi ele contratar alguns homens para irem preparando a estrada para o carro passar.

A estrada original era estreita, nela só passavam cavalos. Os homens que foram contratados, iam na frente cortando os matos e cavando nas laterais da estrada, para que o carro de Chico Osório pudesse passar.

Quando estava quase chegando a Itabira, porém como havia chovido muito, o carro agarrou no barro e atolou e, não dava para seguir adiante. Osório mandou chamar uma junta de bois para puxar o carro. Então chegou a Itabira, o primeiro automóvel, puxado por uma junta de bois.

A placa que contém o poema "Primeiro Automóvel" foi colocada no ponto 18, em frente ao casarão Chico Osório, na Rua Doutor Guerra. O poema é apresentado a seguir.

Primeiro Automóvel

Que coisa-bicho
que estranheza preto-lustrosa
evém-vindo pelo barro afora?

É o automóvel de Chico Osório
é o anúncio da nova aurora
é o primeiro carro, o Ford primeiro
é a sentença do fim do cavalo
do fim da tropa, do fim da roda
do carro de boi.

Lá vem puxado por junta de bois.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 9. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 71. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1052.)

Esse poema drummondiano é bastante simples e compacto, porém verifica-se que muitos dos conceitos presentes nele somente são entendidos a partir dos elementos externos como considera Pecheux na análise contextual pela linha francesa.

Um desses elementos é o boi puxando o carro. Como isso pode fazer sentido se não for acrescentado o fato do veículo ter passado por uma chuva muito forte e sendo a estrada de barro, torna-se razoável que o veículo possa se atolar no barro. Estando o veículo impossibilitado de se mover.

Como afirmam os cidadãos itabiranos no linguajar local "o carro tava garrado". Desta forma, somente por meio da ajuda externa de uma junta de bois, tornou-se possível sair do atoleiro e, ainda chegar à Cidade de Itabira, puxado por essa junta, o que leva à aparente contradição em relação à frase anterior.

Ocorre que uma tecnologia nova nunca elimina a anterior imediatamente, muitas vezes as tecnologias novas são caras e convivem durante anos com as antigas até que os custos das novas baixem o suficiente para que sejam adquiridas por uma quantidade grande de pessoas de modo a inviabilizar as tecnologias mais antigas. Fato semelhante ocorre com os computadores que a cada ano vão sendo aos poucos substituídos por modelos novos e também como os telefones fixos que foram gradativamente sendo substituídos pelos celulares e estes pelos smartphones.

Ponto 19

Criação

Segundo memória oral quando morriam pessoas de alto poder aquisitivo o enterro era acompanhado por Banda de Música.

A Banda Euterpe da Cidade de Itabira foi fundada em 23 de novembro de 1863. Quando a Banda Euterpe foi criada, todos os seus integrantes eram guardas municipais.

Na época, de sua criação, aconteceu que na cidade morreu uma grande celebridade do município. A banda recém criada "Euterpe" itabirana foi chamada para tocar no enterro da pessoa que tinha falecido. Como a banda tinha acabado de ser criada, ela ainda não tinha nenhuma partitura musical.

Então fazer o que? O jeito era chamar a Banda rival, que já existia e que era a "Henrique Dias". Esta, porém sabendo que a Euterpe havia sido chamada primeiro, ficou enciumada e, por esse motivo, se recusa a tocar no enterro.

Monsenhor Felicíssimo volta a convocar a "Banda Euterpe", esta por sua vez, para não fazer feio no enterro, passou a noite toda ensaiando para no dia seguinte às 9 horas tocar no enterro do ilustre defunto.

A Banda Euterpe ainda existe. Ela é atuante e sempre presente nas manifestações festivas do município. Atualmente, tem em seu acervo uma coleção de documentos musicais antigos, partituras manuscritas e impressas, produzidas por seus membros durante várias gerações.

A placa que contém o poema "Criação" foi colocada no ponto 19, em frente à antiga sede da Banda Euterpe, na Rua Doutor Guerra. A seguir, apresenta-se o poema respectivo.

Criação

A alma dos pobres se vai sem música,
mas a dos grandes é exigente.
A Banda Euterpe, logo chamada
por Monsenhor
para chorar o morto conspícuo
- azar – é nova, sem partitura.
Só se pedir à banda rival...
Henrique Dias (nome da outra)
recusa, egoísta. Defunto à vista
querendo arte. A tarde emurchece
e Monsenhor
espera, aflito, marcha ou o que seja.
Emilio Soares, maestro, fecha-se
no seu quartinho. Dó ré mi sol...
A Musa baixa, ou Santa Cecília,
dita ao maestro o fúnebre arroubo.
Onze da noite. Dormem os fiéis
não Monsenhor.
Eis, no silêncio, clara, a corneta
do carcereiro chamando os músicos
(são todos guardas municipais)
para ensaiar. A banda valente
acorda o povo, causando pânico
a Monsenhor
e a todo mundo, que novidade
igual nunca houve. Como já sofrem,
amanhecendo, os de Henrique Dias!
Às nove, enterro. À frente, a batina
de Monsenhor.
Lá vai seguido da Banda Euterpe
que toca exausta, com sentimento,
luto orgulhoso, o Líbera-Mé.
favo da noite, glória de Emilio,
dádiva ao morto, que o céu inspira,
por Monsenhor.
Jamais um grande se foi sem música
e jamais teve outra, ungindo os ares,
como esta, grave, de Emílio Soares.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 15. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 899.ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 60-61.)

A música é uma forma de manifestação artística. Ela alegra aos ouvidos e anima os corações. No caso dos eventos, era interessante a presença de bandas. Está é formada por um grupo de músicos instrumentais que geralmente apresentam-se ao ar livre.

O nome Criação se refere à origem da banda Euterpe que foi desenvolvida no Município de Itabira. O emprego de bandas musicais em enterros não é uma prática comum nos nossos dias e, menos ainda nas pessoas de menor poder aquisitivo.

O entendimento de que no século XIX as bandas musicais faziam parte dos enterros das pessoas com posses, facilitam o texto fazer sentido e as bandas Euterpe e Henrique Dias faziam parte do folclore regional e história local.

A contextualização mostra-se mais uma vez importante e interessante para que se entenda o poema drummondiano e faz parte da análise do conteúdo textual.

Ponto 20

Passeiam as Belas

Segundo Amanda Duarte, Professora aposentada que lecionou na Escola Municipal Coronel José batista, hoje já falecida, a praça do Zoológico Mirim, nome que foi dado posteriormente no Governo Municipal do então Prefeito Daniel de Grisolia, era apenas um longo caminho branco com bancos rústicos de madeira.

No final das tardes de domingo, um conjunto de músicos comandados por Silvério Faustino tocava no local. Ao som da banda, moças e rapazes faziam o "footing" ou caminhadas, onde os jovens passeavam e muitos com o objetivo de arranjar um namoro.

A praça era um local de oportunidades de encontros da juventude itabirana, porém mais cedo do que aquela do das caminhadas ao longo do paredão da Rua Tiradentes, já mencionado anteriormente.

Era a década de 1950. As moças se enfeitavam todas para o footing. Naquela época, os vestidos eram longos, tampavam até os sapatos. Os rapazes, por sua vez, só podiam imaginar como eram os tornozelos das belas moças.

Os anos se passaram, e as paisagens vão se transformando. Já no final da década de 70, o local funcionou como zoológico.

A placa que contém o poema "Passeiam as Belas" foi colocada no ponto 20, na Avenida Martins da Costa, na Praça do antigo Zoológico.

Passeiam as Belas

Passeiam as belas, à tarde, na Avenida
que não é avenida, é longo caminho branco
onde os vestidos cor-de-rosa vão deixando,
não, não deixam sombra alguma, em mim é
que eles deixam.

Passeiam, à tarde, as belas na Avenida.
São tão belas como as vejo, ou mais ainda?
Só de passar, só de lembrar que passam, a
beleza
nelas se crava eternamente, adaga de ouro.

Passeiam na Avenida, à tarde, as belas,
as sempre belas no futuro mais remoto.
Pisam com sola fina e saltos altos
de seus sapatos de cetim o tempo e o sonho.

À tarde, na Avenida, passeiam as belas,
Seios cuidadosamente ocultos mas arfantes,
pernas recatadas, mas sabe Deus sabe as linhas
perturbadoras
que criam ritmos, e o caminho branco é todo
ritmo.

Na avenida, passeiam as belas, à tarde,
no alto da cidade que entre árvores se
apresta
para o sono das oito da noite e não sabe que
as belas
deixam insone, a noite inteira, uma criança
deslumbrada.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 993. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 256.)

O contexto nos leva à década de 50, com uma geração que havia saído da Segunda Grande Guerra Mundial. Havia um clima de confiança geral. Nessa época, as roupas eram recatadas, as regras mais rígidas, ainda não havia a mini-saia que surgiria na década de 60. As moças, desse tempo, usavam roupas e vestidos que as cobriam até os pés.

O período retratado eram o dos tempos "sólidos". Nestes havia muito respeito, confiança e solidez nas relações. Confiava-se na palavra das pessoas e quando uma pessoa iniciava seu trabalho em uma empresa, normalmente, se esperava que ficasse nela até se aposentar.

Já os tempos atuais, como considera Bauman (2007) podem ser considerados como sendo "tempos líquidos" nos quais há insegurança nas relações, as pessoas não esperam trabalhar em um emprego à vida toda e há uma deterioração nas relações e até um certo mal-estar e medo em relação ao futuro.

Ao entender o contexto no qual as jovens passavam pela avenida que era um local no qual se iniciavam os relacionamentos amorosos, compreende-se mais o conteúdo do texto drummondiano que expressa a forma do poeta apresentar sua percepção sobre o fenômeno que ocorria na época e naquele local.

Drummond escrevia para jornais e sua literatura mostrava-se popular no Rio de Janeiro e pode-se considerar que ele captava o senso comum da sociedade local da época ou as representações sociais existentes nos grupos de pessoas consideradas.

Torna-se interessante verificar como é possível viver melhor nos tempos atuais e passar pelas dificuldades nas quais vivemos. É possível que os aspectos histórico sociais, a cidadania e os poemas ajudem as pessoas a se entender e entender a sociedade, de modo a encontrar caminhos possíveis para se alcançar uma vida melhor.

Ponto 21

Cemitério do Cruzeiro

O cemitério do cruzeiro, atualmente com pouco mais de 150 anos, foi o segundo da Cidade de Itabira, criado na época das Missionárias Lazaristas. Esse cemitério é relativamente antigo e atualmente, já existe outro maior que atende ao município e regiões do entorno.

A administração do Cemitério do Cruzeiro era feita pela Irmandade do Sacramento para a venda de sepulturas. No cemitério, existe uma parte, que foi separada, para enterrar as irmãs.

O cruzeiro é uma cruz alta que fica no centro desse local e, que dá nome ao cemitério. Se esta cruz presa a ela, um globo e, em cima deste há um galo ornamental feito de ferro. Como esse cemitério é antigo e com espaço limitado, atualmente só se enterram apenas pessoas cujas famílias já possuem jazigos.

A placa que contém o poema “Cemitério do Cruzeiro” foi colocada no ponto 21, em frente ao Cemitério do Cruzeiro, na Rua Paulo Pereira, no bairro Pará.

Cemitério do Cruzeiro

O sol incandesce
mármores rachados.
Entre letras a luz penetra
nossa misturada essência corporal,
atravessando-a.
O ser banha o não-ser; a terra é.
Ouvimos o galo do Cruzeiro
nitidamente
cantar a ressurreição.
Não atendemos à chamada.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 29. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 1037.)

O cemitério do Cruzeiro faz parte da tradição Itabirana. Ele está incrustrado na parte antiga da cidade, no alto de um morro e se tornou pequeno diante do crescimento da cidade em quantidade de habitantes.

Se em 1910 havia, em Itabira, algo em torno de 10 mil habitantes na cidade, atualmente, são cerca de 110.000 habitantes conforme Brasil (2016) em suas informações sobre o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao ano de 2015.

Atualmente, existe outro cemitério mais novo no município e bem maior de modo que o do Cruzeiro que ficou mais voltado para as famílias antigas que já possuíam jazigos.

No cemitério do Cruzeiro, as tumbas são cobertas de mármore e pela antiguidade há aquelas que racharam. Na parte central há um cruzeiro com um galo de ferro na sua parte superior.

As imagens desse contexto que foram captadas na cognição da mente do menino Drummond, ficaram presentes ao longo de sua vida, mostrando sua ligação com Itabira e que se manifestou em sua obra e, por meio deste texto que mostra aspectos histórico-sociais como considera Vygotsky (2013), torna-se possível à conexão com as ideias e pensamentos do poeta maior.

Ponto 22

Os Pobres

A Catedral Nossa Senhora do Rosário, diocese de Itabira, também conhecida como Matriz do Rosário ou simplesmente Matriz ou Catedral. Ela teve sua construção iniciada em 1811. Durante algum tempo suas obras foram interrompidas, sendo retomadas apenas após a chegada em Itabira de Monsenhor José Felicíssimo do Nascimento e a criação da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Por ocasião da ascensão de Vila à Cidade, em 1848, Itabira já possuía a sua Igreja Matriz. Na década de 1970, a Matriz do Rosário sofreu avarias em uma de suas torres, as quais lhe causaram risco de desabamento. Como conseqüência, a Matriz foi demolida.

A atual Matriz do Rosário, a Catedral, é uma igreja relativamente nova, com instalações amplas, arrojadas, estilo moderno, linhas arredondadas e com tijolinhos à vista e com os cruzeiros externos sem a imagem de Cristo pregada. Estes fatos contrastam com o estilo tradicional das igrejas barrocas mineiras que são muito mais antigas no tempo.

O estilo moderno e até mesmo revolucionário de sua construção gerou polêmicas entre os muitos féis da igreja, uma vez que suas formas e conceitos são completamente diferentes em relação aos templos católicos tradicionais.

A construção desse novo templo foi iniciada em 1976 e concluída em 1985. Sua inauguração ocorreu em comemoração aos 20 anos de existência da diocese Itabira/Coronel Fabriciano.

Logo após a construção da Matriz do Rosário, criou-se uma associação de pessoas, com princípios religiosos, a "Confraria de São Vicente", cujos objetivos são: ajudar e cuidar as pessoas pobres da região.

Na época do jovem Drummond, as reuniões dessa Confraria eram realizadas no da Matriz do Rosário antiga. O pai de Carlos Drummond de Andrade, que era muito religioso, ativo da Confraria e, participava de suas reuniões.

Conta, Julieta Drummond, sobrinha de Carlos Drummond de Andrade, que, certa vez, quando o poeta e escritor, era ainda um adolescente, a pedido do pai, foi representá-lo em uma reunião da confraria. Nessa reunião, foi tamanha decepção de Drummond, quando observou que as pessoas que lá estavam, participavam da confraria, não para resolver os problemas dos pobres, mas sim, tão somente, para fornecer alguma contribuição, com o objetivo de salvarem as suas almas.

A placa que contém o poema "Os Pobres" foi colocada no ponto 22, em frente à Catedral, na Praça Monsenhor Felicíssimo. A seguir, apresenta-se o poema.

Os Pobres

Domingo. Tarde. Consistório da Matriz.
Luz escassa no adro verde.
Comprida toalha vermelho-vinho
amacia a mesa das deliberações.

Ao derradeiro raio de sol
bailam corpúsculos no ar.
A conferência Vicentina
considera a vida dos pobres.

O pai não veio desta vez.
Mandou-me em seu lugar. Sou grande,
já não sou menino estabanado
ao cuidar da vida dos pobres.

Mas que sei da vida dos pobres
senão que vivem: sempre, sempre,
como a água, a pedra, o costume?
Se São Vicente manda ver
no rosto deles o do Cristo,
o que vejo é a comum pobreza
resignada, consentida,
tão natural como sinal
na pele.

Estendo a mão com gravidade
na hora de contribuir.
Não é meu dinheiro? É meu o gesto.
Não salvo o mundo. Mas me salvo.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 21-22. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1018. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 298.)

Havia muita riqueza nas igrejas católicas e pode-se verificar que se um templo era demolido, logo em seguida outro era construído maior e com mais recursos.

A igreja possuía muita influência sobre a vida das pessoas da sociedade local e o poeta esperava ao que tudo leva crer que houvesse um trabalho em favor das pessoas desfavorecidas com menos recursos.

Nas cidades interioranas muitas vezes criavam-se confrarias com alguma finalidade. A de São Vicente, segundo a tradição oral, era voltada para ajudar e cuidar dos desfavorecidos, ou seja, dos pobres.

As reuniões da confraria, no entanto, nem sempre alcançavam seus objetivos como tantas e tantas reuniões que ocorrem pelo mundo e nas quais não se chega à resolução de problemas seja pela falta de objetividade ou pela falta de participação ou engajamento dos participantes.

O poema mostra a reflexão do poeta diante da realidade e, que nem sempre é possível se resolver os problemas sociais uma vez que mesmo resolvidos alguns, outros novos vão surgindo na evolução da humanidade. O jeito é contribuir na medida do possível estendendo a mão.

Ponto 23

Sino

O sino Elias recebeu este nome porque antigamente, em Itabira, quem doasse o sino para a igreja, em homenagem ao doador do sino, o mesmo receberia o nome do seu doador. Na época, o Capitão disse que transferia a homenagem ao profeta bíblico que tinha o mesmo nome dele.

Capitão Elias, avô paterno de Drummond foi quem doou o sino para a Matriz do Rosário, também conhecida hoje como Igreja Matriz do Rosário ou Matriz ou Catedral, portanto o sino recebeu o seu nome "sino Elias" e era um objeto volumoso e pesado.

O objeto com 9 quilos de ouro possui um peso total de duas toneladas e meia juntando sua parte de ferro fundido. Esse sino estava instalado na torre da Matriz do Rosário que depois de demolida ele foi transferido para Catedral Nossa Senhora do Rosário.

O sino Elias era o mais imponente dos sinos da Matriz (Catedral Nossa Senhora do Rosário). Por possuir muito ouro seu badalar era mais límpido e mais alto e era escutado por todos os cantos da Cidade.

Drummond contestava porque o sino Elias só tocava para anunciar a morte dos mais ricos da cidade e, a morte dos pobres eram anunciadas pelo badalar de outros sinos menores.

A placa que contém o poema "Sino" foi colocada no ponto 23, em frente à Catedral Nossa Senhora do Rosário, na Praça Monsenhor Felicíssimo. O poema Sino é apresentado a seguir.

Sino

O sino Elias não soa
por qualquer um
mas quando soa, reboa
como nenhum.
com seu nome de profeta,
sua voz de eternidade,
o sino Elias transmite
as grandes falas de Deus
ao povo desta cidade,
as faltas que os outros sinos
nem sonham interpretar.
Coitados, de tão mofinos,
quando soa a voz de Elias,
têm ordem de se calar.

Têm ordem de se calar,
e toda a cidade, muda,
é som profundo no ar,
um som que liga o passado
ao futuro, ao mais que o tempo,
e no entardecer escuro
abre um clarão.
Já não somos prisioneiros
de um emprego, de uma região.
Precipitadas no espaço,
ao sopro do sino Elias,
nossa vida, nossa morte,
nossa raiz mais trançada,
nossa poeira mais fina,
esperança descarnada,
se dispersam no universo.

Chega, Elias, é demais.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 46. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1035.)

O badalar dos sinos é uma importante forma de informação da Igreja Católica com seu povo fiel. Mais uma vez vê-se a influência da Igreja na sociedade. De acordo com som de suas badaladas, ou o tipo de sino a comunidade sabia se era missa, novena, festa religiosa, enterro de pobre ou de rico etc.

Há uma mensagem em cada tipo de badalar e o tipo de sino. E para Drummond a comunicação é permeabilidade e porosidade, é a capacidade de um fluido atravessar um sólido ou, a propriedade de um corpo de se deixar penetrar por uma substância.

Já Oliveira (2006) considera a porosidade como sendo o fio condutor por onde passa a comunicação. Dessa forma, a comunicação flui através do desses poros. McLuhan (1986) complementa considerando que na comunicação, o meio é a mensagem e a mensagem é o meio. O badalar dos sinos trazia a mensagem. O autor (ibid) ainda considera e comunicação é fluidez.

A mensagem trazida pelo sino fluía na vida das pessoas. Ocorre no entanto que a informação trazida pelo som do badalar seguia apenas em um sentido, que era do sino para os ouvintes e não do modo contrário. Atualmente, considera-se que informação é diferente da comunicação.

Para Wolton (2010) enquanto informação é unidirecional e flui só em uma direção, por seu turno, a comunicação é bidirecional. Nesta há dois fluxos, de modo que há interação.

Na comunicação há trocas sociais: nas idas e voltas de informação entre os interlocutores as mensagens se sintonizam e se ajustam. A comunicação ocorre, por exemplo, nas redes sociais e possibilita o engajamento, fidelização e, maior participação dos envolvidos. Para Drummond, comunicação é permeabilidade.

Tudo leva crer que Drummond busca a comunicação no seu sentido mais integral e, não se contentava em somente ouvir o badalar e se conformar com a vida rotineira que vinha também com o que considera como sendo a "ordem de se calar".

Era preciso expressar suas opiniões e apesar de não ocorrer no mesmo tempo, de modo síncrono, o poema se mostra como a forma interessante de não se calar. Dessa forma, Drummond traz uma mensagem mais que se mantém atual e apesar de escrito há anos, ainda pode expressar o senso comum de muitas pessoas.

Ponto 24

Fruta furto

A placa que contém o poema “Fruta furto” foi colocada no ponto 24, na Praça do Centenário, em frente à Escola Coronel José Batista.

Como já se mencionou anteriormente, esta escola foi inaugurada em 1907, com o nome de Grupo Escolar Carvalho de Brito, em homenagem ao Carvalho de Brito Secretário da Educação e Saúde do Estado de Minas Gerais, que liberou a verba para a sua construção. Essa escola que inicialmente era estadual, foi municipalizada em 1998.

O pequenino Drummond de 1910, época foi matriculado em 1910 e sua matrícula consta no livro de registro das matrículas que, hoje fica exposto no Memorial Carlos Drummond de Andrade. O prédio original da escola foi demolido em 1956 e a inauguração da construção atual ocorreu em 23 de outubro de 1958.

Drummond fez vários poemas para em homenagem à escola na qual estudou. Um dos poemas e que foi escolhido para a placa em frente à escola é o poema Fruta Furto.

Na época de Drummond criança, era raro encontrar uma residência que não tivesse um pé de jabuticabas no quintal e, também no quintal do grupo escolar havia uma jabuticabeira.

Quando as aulas terminavam, as crianças corriam para o pé de jabuticabas no quintal da instituição escolar, e antes de voltar para suas casas, comiam ou chupavam essas frutas.

Antigamente, as casas não tinham cercas e nem portão e as crianças passeavam e brincavam por entre os jardins e pomares das casas, comiam frutas a vontade e ninguém se importava, era comum na época.

O conceito do pecado era grande, principalmente nas crianças de famílias religiosas, e por isso, elas arranjavam uma desculpa, dizendo: não é furto, pois, jabuticaba boa é chupada no pé, não estamos levando para casa, e assim ficavam de consciência tranquila.

Fruta furto

Atrás do grupo-escolar ficam as jabuticabeiras.
Estudar, a gente estuda. Mas depois,
ei, pessoal: furtar jabuticaba.

Jabuticaba chupa-se no pé.
O furto exaure-se no ato de furtar.
Consciência mais leve do que asa
ao descer,
volto de mãos vazias para casa.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 63. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 985. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 238.)

Verifica-se por meio do poema as evocações em relação ao tempo em que Drummond foi aluno da escola primária em Itabira. Esta escola se localizava próxima à sua casa. Atualmente, tendo mais de um século, é uma escola tradicional na cultura itabirana e na mente de seus cidadãos.

Neste grupo escolar havia uma jabuticabeira (nome científico: Myrciaria cauliflora, Plinia trunciflora) que é uma árvore que fornece os frutos em determinadas épocas do ano.

Em suas lembranças da infância, considera que havia um furto de jabuticabas ou jaboticabas (ambas são formas aceitas no idioma português). A fruta é uma pequena pelota, semelhante a uva, porém não cresce em cachos, mas sim de modo discreto ou individual e que possui uma casca escura por fora e uma polpa branca no seu interior.

Em Itabira ainda temos poucos pés da jabuticaba branca que ao madurecer ao invés de ficar com a casca preta, ela fica verde claro.

Quando madura a fruta é doce e há quem diga que ela é energética aumentando a disposição das pessoas que a consomem e por isso é apreciada pelos consumidores.

As frutas, no caso da escola na qual estudava Drummond, possivelmente até amadureciam, caiam da árvore e até se estragariam no chão. Em princípio, acredita-se que não havia um “dono” desta árvore.

Há o jogo de palavras habilidoso no estilo Drummondiano e acredita-se mais possivelmente que, se houvesse alguma “bronca” por parte de alguma professora ou diretora seria mais no sentido dos alunos evitarem se machucar ao cair da árvore.

Ponto 25

O Criador

O poema se refere ao irmão de Drummond que projetou ou criou o jardim da casa de seus pais, onde residiu Drummond na sua infância.

A casa foi construída por Joana Amélia da Costa Lage Andrade, bisavó paterna do poeta, no século XIX, que foi herdada por Carlos de Paula Andrade, pai de Drummond e posteriormente vendida em 1920 para Dr. Pedro Guerra, filho de Domingos Martins Guerra, fundador da fábrica de Tecidos da Pedreira e sócio fundador da fábrica de Tecidos da Gabiroba.

Uma sobrinha de Drummond publicou um artigo com o Título “Meu tio de Itabira” e neste artigo fala-se que o jardim foi desenhado por Drummond. Em entrevista Drummond fala que foi seu irmão José quem o desenhou.

No local do jardim havia um chalé, muito pouco utilizado. Posteriormente demolido, no lugar ficando somente uma pedra e a partir dela, deu origem ao jardim, construído por José, irmão de Drummond. A pedra que está colocada no jardim atualmente não é a original.

A placa que contém o poema “O criador” foi colocada no ponto 25, na Praça do Centenário, ao lado da casa de Drummond.

O Criador

A mão de meu irmão desenha um jardim
e ele surge da pedra. Há uma estrela no pátio.
Uma estrela de rosa e de gerânio.
Mas seu perfume não me encanta a mim.
O que respiro é a glória de meu mano.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 70. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 934. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 133.)

Verifica-se no poema, a forte ligação do poeta maior de Itabira com sua terra natal. As evocações e lembranças são do tempo de menino que viveu o seu tempo, por meio dos sentidos percebeu o mundo à sua volta e os levou para a cognição.

Os olhos do poeta observavam seu irmão desenhando e criando. O perfume da estrela de rosa e gerânio não encantava Drummond uma vez que não chegava ao olfato. Rosa e Gerânio são flores ornamentais que trazem um sentido de harmonia

Já a criação do jardim pelo irmão de Drummond ficou eternizada nas letras do poema.

Ponto 26

Casa

A placa que contém o poema "Casa" foi colocada no ponto 26, na Praça do Centenário, ao lado da casa de Drummond, onde o poeta passou sua infância e adolescência, até o ano de 1920.

Esta casa foi construída no século XIX por Joana Amélia da Costa Lage Andrade, bisavó paterna de Drummond. Seu esposo, o Comendador Francisco de Paula Andrade viajava muito a trabalho, entre 4 a 6 meses, sem voltar em casa. A casa possuía 35 cômodos, com 10 dormitórios.

Numa dessas viagens, Dona Joana Amélia, reuniu os escravos e com ajuda do seu pai Antônio José de Carvalho Drummond, reuniu, os escravos e derrubou a casa térrea que existia e construiu o sobrado.

Quando o Comendador voltou de viagem, parou seu cavalo na frente do sobrado onde existiam 5 portas no andar térreo e 5 janelas com sacadas no segundo andar, olhou para D. Joana na sacada e disse: "minha senhora em que porta devo entrar?"

Era costume na época, colocar os filhos mais velhos nos quartos da frente e, como Drummond era o nono filho, mas o 4º filho dos que ficaram vivo ele ganhou o quarto que era o último. Nos quartos da frente dormiam Flaviano e Altivo, depois José e depois Drummond.

Na frente da casa forma-se o triângulo do poder: o poder da família. A sua frente o poder político, das leis, uma casa que, na época da infância do poeta, era Câmara e Cadeia Municipal, desde o ano de 1833, quando se criou o Município de Itabira de Mato Dentro. Hoje a casa (um sobrado) funciona como Museu de Itabira.

Ao lado o poder religioso, da Igreja, onde está localizada a Catedral Nossa Senhora do Rosário, também conhecida como Matriz do Rosário ou Matriz ou Catedral.

E, do outro lado, o poder econômico, olhando da sacada de sua casa avistava-se o Pico do Cauê, imponente, majestoso, que era símbolo da Cidade de Itabira, hoje existe uma cava de 500 metros, pela retirada do minério de ferro pela Cia. Vale e cheio de rejeitos de minério.

Era hábito comum na época, aos sábados, após lavar as tábuas do assoalho da casa com pita, e após, pegava-se uma areia branquinha e bem fininha como sal, que algumas senhoras da cidade vendiam nas portas das casas e espalhava no chão da sala de visitas e nos corredores, com o objetivo de, quem entrasse na casa, ao pisar no chão, a poeira dos sapatos ficassem grudadas na areia que fora espalhada pelo chão e, assim, no domingo, ao varrê-la o assoalho estaria limpinho para receber as visitas.

O poeta não gostava muito e sempre resmungava: Sá Maria lava o chão com pita e depois compra areia na porta da casa e a espalhava na sala de visitas e nos corredores.

Sempre que entrava na casa ele achava ruim colocar os pés na areia e dizia: Acabou o sossego. Agora é areia nos pés, na camisola, na cama. Deus me livre.

Havia na casa, as alcovas, que eram quartos com menos ventilação, que só serviam para guardar alguns pertences. As quitandas, como se chamavam: pães, bolos, biscoitos etc. eram feitas em casa, assadas em forno à lenha.

As comidas eram feitas no fogão a lenha, e que com a mistura da fumaça, gordura e poeira formavam os picumãs, que iam formando desenhos de rendas pretas, penduradas nos barrotes (peça bem grossa de madeira) que segurava o jirau (armação de madeira), que era o lugar utilizado para se colocar banana para amadurecer, rapaduras, linguiça para defumar etc. As bananas eram trazidas da fazenda ainda verdes e eram colocadas nos jiraus para amadurecer, assim como outras frutas, funcionava como depósito.

Havia um quintal enorme e no final um pasto fechado para colocar os cavalos, para a viagem até a fazenda, no dia seguinte. Neste quintal Drummond passava horas e horas, lendo revistas, vendo as nuvens no céu e brincando com as formigas e as minhocas.

Existia também a estrebaria local onde as pessoas montavam e apeavam do cavalo. Tinha também o quarto para guardar os arreios dos animais de montaria.

Naquela época, em 1911, todos os casarões de Itabira tinham as portas e as janelas pintadas na cor azul e as paredes na cor branca.

Casa

Há de dar para a Câmara,
de poder a poder.
No flanco, a Matriz,
de poder a poder.
Ter vista para a serra,
de poder a poder.
Sacadas e sacadas
comandando a paisagem.
Há de ter dez quartos
de portas sempre abertas
ao olho e pisar do chefe.
Areia fina lavada
na sala de visitas.
Alcova no fundo
sufocando o segredo
de cartas e baús
enferrujados.
Terá um pátio
quase espanhol vazio
pedrento
fotografando o silêncio
do sol sobre a laje,
da família sobre o tempo.
Forno estufado
fogão de muita fumaça
e renda de picumã nos barrotes.
Galinheiro comprido
à sombra de muro úmido.
Quintal erguido
Em rampa suave, flores
Convertidas em hortaliça
e chão ofertado ao corpo
que adore conviver
com formigas, desenterrar minhocas,
ler revista e nuvem.
Quintal terminando
em pasto infinito
onde um cavalo espere
o dia seguinte
e o bambual receba

telex do vento.
Há de ter tudo isso
mais o quarto de lenha
mais o quarto de arreios
mais a estrebaria
para o chefe apear e montar
na maior comodidade.
Há de ser por fora
azul 1911.
Do contrário não é casa.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 39 / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 917. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 99-100.)

Costuma-se dizer que a casa de um homem é sua fortaleza e seu refúgio. Drummond é um poeta que apresenta uma relação especial com as casas que para ele revelam a história e cultura de um povo e assim, lembra-se de detalhes em relação à esta que havia sido seu lar-doce-lar.

Por meio do levantamento de dados realizados na pesquisa oral junto aos documentos antigos e à comunidade observa-se que as partes e, dependências da casa, bem com as ações que se sucedem ao longo do poema se complementam de modo a preencher as lacunas e espaços vazios e trazer mais vida e luz ao entendimento.

Torna-se interessante mergulhar na época e resgatar valores históricos e sociais que o tempo foi varrendo mas que ao serem trazidos de volta nos fazem ver maravilhados a beleza dos versos drummondianos plenos de significado e sentido.

Ponto 27

Câmara Municipal

A placa que contém o poema "Câmara Municipal" foi colocada no ponto 27, na Praça do Centenário, no 116, em frente ao Museu de Itabira. Lá há uma residência que pertenceu ao Major Paulo José de Souza, que foi o primeiro presidente da Câmara Municipal de Itabira de 1833 a 1837.

Em 1827 a atual Itabira foi elevada a Arraial pertencente a Vila Nova da Rainha (atual Cidade de Caeté) e o Arraial cresceu e se desenvolveu tanto que em 1833, foi emancipado para ser um Município e passou a se chamar Vila de Itabira de Mato Dentro, deixando de pertencer a atual Município de Caeté.

Em 1833, a casa foi utilizada como sede da Câmara Municipal, quando se criou o Município de Itabira do Mato Dentro. Originalmente era uma casa térrea, e posteriormente ampliada para ser a sede da Câmara Municipal.

Este prédio abrigou sucessivamente: a Câmara e Cadeia; o Fórum, a Prefeitura, e, novamente, voltou a ser a sede da Câmara e hoje é sede do Museu de Itabira (antigo Museu do Ferro), um local de muitas histórias.

Câmara Municipal

Aqui se fazem leis
aqui se fazem tramas
aqui se fazem discursos
aqui se cobra imposto
aqui se paga multa
aqui se julgam réus
aqui se guardam presos
ensardinhados em cubículos.
Os presos fazem gaiolas
para que também os pássaros fiquem presos
dentro e fora dos cubículos
musicalando a vida.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 50. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1038.)

Verifica-se por meio do poema, a importância que a Câmara Municipal desempenhava para a Cidade de Itabira. Lá era onde os fatos da administração ocorriam no seu cotidiano.

Leis que regiam a vida das pessoas, o comércio e a vida. Tramas que fazem parte das pessoas com seus desejos e objetivos. Discursos que tentavam influenciar pessoas. Cobrança de impostos que seriam utilizados para manter o funcionamento da máquina administrativa e seus serviços.

Multa, réus, cubículos, gaiolas... o tempo passa, mas lembranças ficam e uma sociedade só tem futuro se ela tem passado e presente onde pode se firmar.

Itabira é um pedaço de Brasil, uma terra na qual a história se preserva por meio de poemas e assim a vida nasce e se desenvolve plena de saber e cultura histórico-social.

Ponto 28

O Dia Surge da Água

A placa que contém o poema "O Dia Surge da Água" foi colocada no ponto 28, na Praça do Centenário, ao lado do chafariz, que fica atrás do Museu de Itabira. Atualmente o chafariz foi retirado para manutenção.

Este chafariz representa simbolicamente o chafariz da Aurora, que foi demolido, e, que segundo pesquisa oral, uns dizem que ficava no Bairro Pará, outros dizem que ficava no Bairro Campestre.

O chafariz da Aurora original foi construído por Alfredo Duval e na época provocou escândalo pois tratava-se da escultura de uma mulher com os peitos à mostra, cuja água saia pelos mamilos.

Alfredo Duval nasceu em Itabira, e, em 1873, comandou a construção das primeiras redes de água e chafarizes da Cidade de Itabira, além das primeiras instalações sanitárias. Ele também esculpia imagens de santos, mulheres ou animais nos chafarizes como é o caso do Chafariz da Aurora.

A influência do chafariz era observada na atitude das freiras do colégio Nossa Senhora da Dores. Esta escola era destina somente à moça e funcionava em regime de internato e semi-internato.

As freiras levavam as semi-internas em fila de casa em casa e, ao passarem pelo chafariz as moças eram obrigadas a passar de cabeça baixa para não ver o chafariz escandaloso.

Conta-se que, quando as crianças entravam em atritos, era comum mandar o inimigo mamar na Aurora.

O Dia Surge da Água

O chafariz da Aurora
faz nascer o sol.
A água é toda ouro
desse nome louro.
O chafariz da Aurora,
Na iridescência trêmula,
bem mais que um tesouro
é prisma sonoro,
campainha abafada
em tliz cliz de espuma,
aérea pancada
súbita
na pedra lisa,
frígida espanada,
tece musicalmente
a áurea nívea rósea
vestimenta do dia líquido.
Deixa fluir a aurora
sendo um tão pobre
chafariz do povo.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 60. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1045.)

Nos dias de hoje nem sempre é comum encontrar-se algum chafariz principalmente nas cidades maiores nas quais o crescimento foi “engolindo” essas obras de arte.

Chafariz é uma fonte ou construção com uma ou mais bicas por onde corre água que pode ser bebida pelas pessoas. Muitas vezes a construção do chafariz pode integrar-se como parte de um conjunto arquitetônico maior.

Alfredo Duval era um construtor de chafariz experiente e também das redes de águas e sanitárias e foi o construtor do chafariz da Aurora. O nome Aurora está relacionado com o amanhecer ou, a claridade inicial da manhã que surge antes do nascer do Sol.

O início da luz da manhã trazido pela Aurora muitas vezes é associado pelas pessoas ao início de alguma atividade ou, a algum trabalho. No poema, Drummond explora o chafariz que deixa fluir a aurora e retrata um sentimento popular no chafariz que é para todos.

Ponto 29

Canção de Itabira

A placa que contém o poema "Canção de Itabira" foi colocada no ponto 29, na Major Lage, no 53, em frente à casa das sobrinhas de Zoraida Diniz, a qual foi homenageada no poema "Canção de Itabira".

A casa data do ano de 1913, construída pela mãe de Zoraida e lá morava ela e seus irmãos, e até hoje ela pertence à sua família, e permanece com as características arquitetônicas originais, uma vez que foi restaurada e conservada. Atualmente quem reside na casa são suas sobrinhas.

Zoraida Diniz emprestava revistas ilustradas, como: "A careta", "O Malho" e "Noite ilustrada", para o poeta, na década de 1910, quando era criança. Estas revistas vinham do Rio de Janeiro, enviadas por sua prima Lucila que morava na Capital.

Desde criança Drummond gostava muito de ler livros e revistas. Ele sempre ia na casa de Zoraida pegar emprestado revistas para ler. Sua gratidão a ela, foi demonstrada no poema "Canção de Itabira: A Zoraida Diniz", e publicada em livro O Corpo e este oferecido a Zoraida com a seguinte dedicatória:

"A querida amiga Zoraida Diniz, lembrança do antigo menino, que tantas vezes recorreu à sua gentileza e bondade para a leitura de revista." Rio, novembro/1978.

A Casa de Zoraida Diniz era próxima do poeta Drummond, e ele, sempre fazia o mesmo percurso. Ele saía de sua casa, após ouvir a canção de ninar de sua mãe, pela porta dos fundos da casa, seguia ouvindo o som dos bambus no quintal da casa, passava na lateral da igreja, onde o badalar do sino era uma linda melodia para ele.

Continuava seguindo rumo à casa de Zoraida, à sua direita avistava o córrego da Penha, onde as lavadeiras, trabalhavam cantarolando a tarde inteira. Subindo a Rua da residência da Zoraida avistava-se o Pico do Cauê com o seu brilho, e hoje é apenas uma lembrança, pois pela extração do minério foi transformado em uma cava de 500 m.

Canção de Itabira

A Zoraida Diniz

Mesmo a essa altura do tempo,
um tempo que já se estira,
continua em mim ressoando
uma canção de Itabira.

Ouvi-a na voz materna
que de noite me embalava,
ecoando ainda no sono,
sem que faltasse uma oitava.

No bambuzal bem no extremo
da casa de minha infância
parecia que o som vinha
da mais distante distância.

No sino maior da igreja,
a dez passos do sobrado,
a infiltrada melodia
emoldurava o passado.

Por entre as pedras da Penha,
os lábios das lavadeiras
o mesmo verso entoavam
ao longo da tarde inteira.

Pelos caminhos em torno
da cidade, a qualquer hora,
ciciava cada coqueiro
essa música de outrora.

Subindo ao alto da serra
(serra que hoje é lembrança),
na ventania chegava-me
essa canção de bonança.

Canção que este nome encerra
e em volta do nome gira.
Mesmo o silêncio a repete,
doce canção de Itabira.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 1013-1014. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1248.)

Observa-se no poema que o poeta Drummond conservava em sua mente, em sua cognição os sons captados dos sinos que continuam por anos e anos ecoando e trazendo boas evocações e lembranças.

Este poema, Drummond dedicá-lo à amiga Zoraide Diniz que lhe emprestava as revistas que tanto gostava de ler. As revistas ilustradas que vinham do Rio de Janeiro, de alguma forma instigavam a mente do poeta que futuramente iria residir na Cidade Maravilhosa e poderia ver as imagens de perto.

O poema é escrito quando o poeta morava no Rio de Janeiro e por meio dele verifica-se a nítida lembrança de sua infância, dos acontecimentos, paisagens e pessoas com quem conviveu na sua querida terra natal e que talvez não teria mais a oportunidade ver e por isso o retrato na parede lhe doía, uma dor de poeta que deveras a sente completamente.

Ponto 30

Dodona Guerra

A placa que contém o poema "Dodona Guerra" foi colocada no ponto 30, na Avenida João Soares da Silva, no 19, em frente à casa de Dodona Guerra. Ela é uma referência a senhora Leopoldina Guerra ou, como era conhecida: dona Didina Guerra, filha de Domingos Martins Guerra.

Didina ou Dodona Guerra era uma moça que vivia sozinha nesta casa e existem várias lendas a seu respeito. Muitos a consideravam louca e, por isso ela era alvo de chacotas e brincadeiras das crianças.

A moça passava horas na janela de sua casa, e quando as crianças passavam em frente eles mexiam com ela. Os moleques gritavam:

"Didina Guerra, dá um pulo e berra!".

Ela que ficava na janela, e quando ouvia o que as crianças falavam, então ela pegava o conteúdo do urinol e jogava naqueles que estavam fazendo chacotas com ela e ralhava com elas.

Drummond que muitas vezes via o que as crianças faziam com a Didina Guerra não gostava e se compadecia dela.

Dodona Guerra

Dodona
Guerra.
Guerra
a Dodona.
Pedra
na telha
pedra
na cara
pedra
na alma.
Dodona
louca,
loucos
moleques
contra
Dodona.
Dodona
eterna
fera
enjaulada
uiva
às pedradas,
amaldiçoa
cada moleque
cada família
pedradamente.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 963./ ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 198.)

Verifica-se por meio do poema que se os meninos consideram Dodona Guerra maluca, também o poeta os considerava como sendo moleques loucos o que confirma que o poeta não comungava com outras crianças do sofrimento que lhe era imposto.

Para Brasil (1988) no seu artigo n. 205, a educação é uma obrigação do Estado, família e sociedade como considera a Lei Maior do País ou seja a Constituição Federal. Nas escolas, os professores têm que ensinar a ler, escrever e os conceitos necessários para uma leitura de mundo, ou seja, o letramento.

As crianças cresceram, o tempo passou, ficaram-se as lembranças que fizeram parte de uma vida itabirana.

Ponto 31

Tantas Fábricas

Poema que retrata a iniciativa privada, do Município de Itabira. Haviam fábricas, algumas delas artesanais e, outras com tecnologia existente na época.

A placa que contém o poema "Tantas Fábricas" foi colocada no ponto 31, na Rua Major Paulo, no 15, em frente ao antigo casarão, do Século XVIX, onde residiu o Monsenhor Felicíssimo que muito contribuiu para o povo de Itabira.

Ao chegar em Itabira, Monsenhor Felicíssimo terminou a construção da Igreja Matriz. Ele também é o criador da Irmandade Nossa Senhora das Dores como já se mencionou anteriormente neste texto.

Monsenhor Felicíssimo era um homem muito ativo e também construiu o primeiro Hospital de Itabira, que deu o nome de Hospital Nossa Senhora das Dores, cujo prédio atualmente está sendo restaurado. O antigo prédio está vazio e o Hospital funciona hoje em prédios amplos e de bom atendimento.

Conta a lenda que Monsenhor José Felicíssimo nasceu de um amor proibido de uma moça solteira, de família muito abastada financeiramente e tradicional, a família Lage, que residia na Cidade de Ouro Preto.

A moça ficou escondida durante os 9 meses de gestação. Quando a criança nasceu a família para esconder o mal feito e preservar o bom nome da família, abandonou a criança, numa noite muito fria dentro de um balainho, na porta da lavadeira, que era uma escrava alforreada, Dona Josefa Pereira.

Dona Josefa apesar de muito medo, envolveu o balainho e disse: "fique tranqüilo filhinho". Apesar de muito pobre, criou o menino como sendo seu filho, com muito amor e carinho.

Felicíssimo cresce e chega a hora de estudar, a mãe preta sem condições de pagar uma escola, como o menino era muito inteligente, então o pároco da cidade consegue uma bolsa de estudos no internato de Mariana.

Nas férias do colégio ele sempre vinha visitar a mãe, onde dava e recebia muito carinho. No colégio interno estudou, ordenou-se padre e, foi enviado para Itabira.

Que chegando em Itabira, torna-se o pároco da Paróquia do Rosário e mostra logo o serviço que veio fazer. Monsenhor Felicíssimo era um homem muito trabalhador, um verdadeiro líder. Ele trouxe consigo a mãe, a quem só dedicou amor durante toda sua vida.

Muito querido na cidade, foi logo eleito Presidente da Câmara e depois deputado federal, mas durou muito pouco tempo, pois não aceitando as exigências que ao partido convém, renunciou e voltou para Itabira.

A mãe de sangue, ainda solteira, quando perde os pais e os irmãos e, ficando sozinha no mundo. Ela logo sente o sabor da liberdade, embora já bem velhinha e com olhar de sofrimento, resolve sair à procura do filho abandonado para pedir-lhe perdão.

Ao chegar na Cidade de Itabira, bem vestida e com ar de nobreza, a mãe sanguínea de Monsenhor Felicíssimo pergunta a um menino na rua, onde fica a Igreja Matriz e a casa Paroquial.

Quando chega na Igreja ajoelha-se e reza pedindo coragem e vai até a casa paroquial. Bate palmas, de repente se assusta o padre, Monsenhor Felicíssimo, já maduro abre de repente a porta.

Cumprimenta com gentileza a senhora velhinha, e a convida para assentar-se. E pergunta a ela, a que veio. Ela começa a contar sua história com a voz fraca e embargada.

O Monsenhor ouve tudo, como numa confissão, nada diz ou expressa, fica um tempo silencioso. De repente, pede a ela que o siga e a leva até o seu quarto e diz: “Minha senhora não sou eu, o filho que se perdeu, pois tive mãe, e que mãe maravilhosa era ela, e ali naquela cama pedi com muitas lágrimas, a bênção para a mãe que tinha partido.”

Dirigindo-se a porta estende a mão e diz: “Passe bem minha Senhora, vá com Deus e siga em paz”.

Tantas Fábricas

A fábrica de café de João Acaiaba
a fábrica de sabão de Custódio Ribeiro
a fábrica de vinho de João Castilho
a fábrica de meias de François Boissou
a fábrica de chapéus de Monsenhor Felicíssimo
a fábrica de tecidos de Doutor Guerra
a fábrica de ferro do Girau do Capitão Aires
a fábrica de sonho de cada morador
a fábrica de nãos do governo longínquo
a fábrica de que? Na intérmina conversa
que rumina o milagre
e cospe de esquerda
no chão.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 98. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1071.)

No poema, faz-se uma menção a Monsenhor Felicíssimo que foi um grande incentivador do progresso e desenvolvimento da Cidade de Itabira.

O poeta em seus versos, homenageia Monsenhor Felicíssimo. Drummond eterniza também essa sua lembrança e desta forma homenageia também Itabira. A forma de homenagear as pessoas e a cidade é por meio de palavras organizadas em versos.

Enquanto um profissional de saúde, por exemplo, um médico faz o que sabe curando pessoas, já um professor faz a sua contribuição ensinando pessoas. Por sua vez, um prefeito como executivo municipal trabalha na construção e manutenção da infraestrutura de sua cidade. Um policial trabalha zelando pela segurança de seu povo e, um poeta trabalha com as palavras como ferramentas.

Drummond utilizou esses dispositivos para homenagear pessoas ou filhos da cidade e, por conseguinte, quem honra o filho, também honra ao pai. Logo, o poeta maior traz consigo uma contribuição para a cidade querida.

Todas as fábricas citadas existiram em Itabira e acabaram fechando por não conseguir competir com os salários pagos aos seus funcionários.

Monsenhor Felicíssimo inaugurou a fábrica de chapéus para gerar emprego aos menos favorecidos.

Ponto 32

Os Gloriosos

A placa que contém o poema: “Os Gloriosos”, foi colocada no ponto 32, está localizada na Avenida João Soares da Silva, s/no, no Bairro Penha, ao lado da Igreja do Rosário. Esta igreja, atualmente está restaurada. Ela foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1949.

Historicamente, a Igreja do Rosário tem relação com o início do povoamento da Cidade de Itabira. Este se deu no começo do século XVIII, com a descoberta do ouro no córrego da Penha e no Rio Tanque e eles trouxeram suas famílias e os negros escravos.

Os escravos eram pessoas sofridas e necessitavam de proteção e Nossa Senhora do Rosário, era a madrinha dos negros. E eles com sua fé alcançavam graças divinas por intermédio da Mãe de Deus. A igreja de Nossa Senhora do Rosário obteve permissão para ser construída em 8 de janeiro de 1770 e foi construída no final do século XVIII.

Na época da construção da Igreja do Rosário, no século XVIII, era costume enterrar os fiéis nos pisos das igrejas. O piso dessa igreja foi construído de tábuas. Abaixo desse piso, sob ele, estão as campas onde eram sepultados os negros escravos ou, alforreados pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que foi fundada em 1812.

No piso da capela-mor estão enterrados padres e autoridades ilustres da época. Anos mais tarde foi proibida esta prática nas igrejas. E aí as paróquias construíram ao lado das igrejas um cemitério. Em Itabira foi construído o Cemitério do Cruzeiro.

É uma igreja muito importante: foi a primeira igreja a ser construída em Itabira e ela preserva a história do seu povo e mostra por meio de suas pinturas em estilos barroco e rococó atribuídos ao Mestre Ataíde.

Os Gloriosos

O chão da sacristia é forrado de campas,
domicílio perpétuo dos Antigos,
pois assim deve ser: volta dos filhos
da Santa Madre à Matriz do batismo,
para serem pisados como pó
e lembrados como reis.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 47. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1036.)

Glorioso é um termo que nos arremete a honrado, coberto de glória, famoso, vencedor, célebre, laureado ou aclamado com louvor. Em seu poema "Os Goriosos", Drummond deixa claro o quanto apreciava as pessoas de todas origens que estavam enterradas no chão da igreja do Rosário.

A evocação da história, por meio do poema, mostra a importância da religiosidade, o papel desempenhado pela Igreja na sociedade dos séculos anteriores e também, uma homenagem à cultura afrodescendente.

No piso da igreja foram enterrados escravos alforriados e, no piso da capela-mor estão enterrados padres e autoridades ilustres da época.

Na evocação e lembranças que estavam na mente do poeta maior de Itabira, todos seriam lembrados como reis.

Ponto 33

Cemitério do Rosário

A placa que contém o poema: “Cemitério do Rosário” foi colocada no ponto 33, está localizada na Avenida João Soares da Silva, s/no, em frente ao Cemitério do Rosário, ao lado da Igreja do Rosário. Próximo a essas construções, logo abaixo, passa o córrego. Este riacho, como já se mencionou anteriormente, é o local no qual os bandeirantes vieram em busca do ouro.

Os bandeirantes andavam em tropas que eram formadas por eles, suas famílias e muitos escravos negros. A escravidão dos negros Africanos para o Brasil começou em meados do século XVI e se estendeu até meados do século XIX. No século XIX já haviam movimentos e Leis no sentido gradativo de abolição dessa escravatura.

Já a escravidão indígena foi abolida inicialmente, por meio da Lei portuguesas de 1680, que proibia a escravização de novos indígenas nada falando sobre os que já estavam escravizados. Na realidade, essa escravidão abolida progressivamente até ser eliminada por completo em meados do século XVIII. Simultaneamente, aumentava gradativamente a quantidade de negros escravos no Brasil.

Quando morria alguém, no século XVIII, eles eram enterrados no piso da igreja. No caso da igreja do Rosário, o piso era de tábuas, e sob ele, eram sepultados os negros escravos, os alforreados ou libertos e os membros pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que foi fundada em 1812.

O cemitério do Rosário ocupa uma área relativamente pequena. Ele considerado como sendo o primeiro cemitério de Itabira. Está localizado ao lado da igreja, e ao fundo do terreno há o córrego, onde, no passado, havia como riqueza, o ouro. E é ali onde repousam aqueles que fizeram parte da história antiga de Itabira.

Cemitério do Rosário

À beira do córrego, a beira do ouro,
à beira da história,
a beira da beira, os mais esquecidos
inonimados
de todos os mortos antigos
dissolvem a idéia de morte
em ausência deliciosa,
lembrança de vinho
em garrafão translúcido.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 30. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 50. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1037.)

O Cemitério do Rosário faz parte da história de Itabira: ele fica ao lado da igreja do mesmo nome. É o primeiro cemitério de Itabira.

Nas cidades mineiras antigas e, nas cidades brasileiras logo depois que foi proibido por Lei enterrar dentro das igrejas, era o costume construir um cemitério próximo à igreja. Assim aconteceu e foi construído o primeiro cemitério de Itabira, o cemitério do Rosário.

Vieram outros cemitérios maiores como é o caso do Cemitério do Cruzeiro, que é muito maior, porém não tão grande quanto a Cidade de Itabira e este também ficou pequeno sendo necessária a construção do Cemitério da Paz que é o atual e assim, a história continua.

Quem não tem passado, dificilmente terá futuro. Os aspectos históricos sociais fazem parte das culturas e revelam muito dos seus povos. A cultura itabirana preservada por Drummond continua sendo divulgada e disseminada pelo Mundo para as pessoas que leem suas obras.

Atualmente os mortos não são mais enterrados ali, são sepultados no Cemitério da Paz que é o mais recente de Itabira e, para o caso das famílias que já possuem jazigos no segundo cemitério de Itabira, os corpos são enterrados no Cemitério do Cruzeiro.

Ponto 34

Pintura de Forro

A placa que contém o poema "Pintura de Forro" foi colocada no ponto 33, e está localizada na Avenida João Soares da Silva s/no, em frente à Igreja do Rosário.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída no final do século XVIII. Nesta época, com a presença da fé católica, o homem tinha necessidade de alcançar graças divinas e falar com o seu Criador.

A arquitetura e pintura da igreja eram uma forma de comunicação do homem com o ser divino, para que os mesmos alcançassem as graças divinas. A pintura do teto da capela-mor, da igreja de Nossa Senhora do Rosário, estava agregada neste contexto de comunicação e foi feita em estilo rococó, é atribuída ao Mestre Ataíde.

Também podemos encontrar pinturas no estilo barroco. A igreja em foco é importante na história itabirana uma vez preserva a história do seu povo e mostra por meio de suas pinturas a cultura afrobrasileira.

Pintura de Forro

Olha o dragão na igreja do Rosário.
Amarelo dragão envolto em chamas.
Não perturba os ofícios.
Deixa-se queimar, maçã na boca,
olhos no alto:
olha a Virgem
entregando o rosário ao frade negro
na igreja dos negros.

Dragão dividido
entre a sensualidade da maçã
e a honra inefável concedida
ao negro que ele não pode devorar.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 47. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1035.)

As pinturas são formas de passar a cultura, ou o cotidiano ou crenças e valores de uma época para os descendentes.

O homem das primitivos já fazia pinturas nas paredes das cavernas e, nelas deixava sua mensagem para o futuro mostrando cenas do cotidiano como é o caso da caça, pesca e atividades que realizavam e, desta forma, as paredes e pinturas eram mídias daquele tempo.

As igrejas, por meio das pinturas em seu forro, também mostram valores e crenças de uma época: a virgem entregando o rosário ao frade negro. Talvez daí surge o nome da igreja do rosário. O forro e suas pinturas se constituem em outras mídias.

Para Drummond a mesma igreja do passado era uma lembrança de Itabira e os poemas de forma semelhante aos forros também foram gravadas em mídias que são os livros.

A evolução prossegue e se o poeta estivesse vivo e escrevendo poemas possivelmente estes estariam nas mídias do nosso tempo que incluem, entre outras, a web e as redes sociais.

Ponto 35

Música Protegida

A placa que contém o poema "Música Protegida" foi colocada no ponto 35, na Avenida Carlos Drummond de Andrade, em frente à sede da Banda Santa Cecília.

A música é uma expressão harmoniosa e sons que geralmente são tocados em instrumentos musicais.

A Corporação Musical Santa Cecília foi fundada em 16 de novembro de 1919, tem este nome em homenagem a Santa Protetora dos Músicos e tem como objetivo promover a educação, propagando e cultivando a arte musical entre seus associados.

.

Música protegida

Santa Cecília, anterior aos sindicatos,
protege a situação dos músicos das minas.
Ninguém seja cantor ou instrumentista
quer no sagrado ou no profano
sem se prender aos doces laços
de sua melódica Irmandade.
Quem infringir a santa regra,
ofensa faz ao povo e ao Céu,
a boca se lhe emudece, o instrumento
cai sem som na laje fria.
Mas aos pios irmãos, Santa Cecília
a cada dia e hora
concede voz mais pura
e mais divino som ao clarinete.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída da fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1182.)

A música é uma forma de expressão artística que está presente desde os primórdios da humanidade.

No poema se observa mais uma vez a religiosidade do povo itabirano e por conseguinte, do povo brasileiro que elege Santa Cecília como sendo a protetora dos músicos.

Itabira contava com mais esta corporação musical na qual se ensinavam a tocar os instrumentos musicais e pela antiguidade faz parte da história da Cidade de Itabira.

Por meio do poema, Drummond traz à tona essa antiga escola de música, que participou da vida de muitos itabiranos. O poeta, desta forma, mais uma vez homenageia Itabira ao falar em seus poemas sobre valores da história e cultura Itabirana e fazendo com que ela preservada e eternizada por meio de versos que são disseminados no país e exterior.

Ponto 36

Guerra das Ruas

A Rua Santana era uma rua do Bairro Penha, o mais antigo de Itabira. E no passado, nesta rua residiam as pessoas da sociedade e de elevado poder aquisitivo da época de pequenino do poeta. No entorno haviam outras ruas.

Uma rua próxima à Santana era a Rua de Baixo. Nesta rua existia a zona boêmia, e lá também havia a prostituição. Havia brigas frequentes, muitas vezes até dentro das casas de prostituição, nas quais a dona da casa das prostitutas exigia que fossem brigar fora da casa. Também é o lugar onde terminavam as brigas começadas na zona de prostituição e, por esse motivo, a rua era considerada como sendo o ponto de briga.

Por preconceito e medo de serem confundidos com as prostitutas e frequentadores da zona boemia, os moradores da Rua de Santana, nunca passavam na Rua de Baixo.

Os da Rua de Baixo também não passavam pela Rua de Santana, algumas por não se sentirem dignas, outras por medo do preconceito e do que os moradores da Rua de Santana pudessem lhes fazer.

A placa que contém o poema "Guerra das Ruas" foi colocada no ponto 37, na subida da Rua Santana, esquina com a Avenida Carlos Drummond de Andrade.

Guerra das Ruas

Rua de Santana
e Rua de Baixo
entraram em guerra.
Morador de uma
não sofreu desfeita
de morador da outra.
Ninguém violou
horta de ninguém
pra roubar legume.
Por que foi então
que brigam as duas?
A rua de Baixo
e a de Santana
tomaram partido
na guerra medonha
russo-japonesa.
Lá os de Santana
são aristocratas,
russófilos feros;
os daqui de Baixo,
povo pé-rapado,
nipo-esperançosos.
Discutem, refutam,
atacam, recuam,
contra-atacam, lépidos.
Entre as ruas ferem-se
batalhas navais.
Porto Artur e Mukden
estrondam os ares
municipais.
O desfecho, sabe-se.
Ficaram rompidas
as ruas rivais
mas também ficaram
para sempre ruas
do mundo.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 900. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 62-63.

No poema Drummond fala de duas ruas de Itabira que possuíam suas diferenças. Frequentemente, as diferenças estão nas pessoas e no que elas sentem.

Por se tratar de duas ruas com culturas diferentes, uma mais aristocrática e outra mais popular e boemia, as duas não se misturavam e se evitavam.

O poeta considera que havia uma guerra nas ruas, batalha naval, velada, mas na qual cada grupo ficava do seu lado.

As imagens e lembranças do poeta remontam a uma época na qual havia relativamente pouca comunicação que ocorria ora por meio de jornais impressos, revistas e livros, por meio oral e por meio da igreja.

As pessoas da época possuíam seus preconceitos que muitas vezes eram mais ligados à questão de se considerarem ricos ou pobres, e em relação à moral e costumes que herdavam de suas famílias.

A educação familiar ainda é muito importante. Como considera Brasil (1988) por meio do Artigo n. 205 da Constituição Federal a Educação é dever do Estado, da Família e da Sociedade.

A família tem obrigação em relação aos valores enquanto a escola tem que ensinar a alfabetização, técnicas e habilidades e competências.

Ponto 37

Memória Prévia

O Bairro da Penha é o mais antigo de Itabira. Nele passa o Córrego da Penha, hoje poluído e canalizado na confluência da Rua Santana.

Em 1720, como já se mencionou anteriormente, chegaram à região os dois irmãos bandeirantes paulistas que vieram em busca do ouro. Como eles encontraram ouro, eles trouxeram suas famílias e depois vieram outros exploradores em busca do ouro, que também trouxeram suas famílias e eles foram construindo suas casas, próximos aos córregos nos quais havia ouro. Dessa forma, originou-se a povoação da Cidade.

Nessa fase inicial, o povoado muito pouco se desenvolveu devido ao fato do ouro encontrado na região ser em pequena quantidade. Somente no final do século XVIII, por meio da exploração do minério de ferro, que possuía um volume muito maior, gerava salários e empregava uma quantidade muito maior de pessoa é que a cidade foi crescendo e se desenvolvendo e então se definiram os arruamentos de Santana, de Rosário e dos Padres.

Observa-se que no século XVIII, XIX e em boa parte do século XX, a exploração mineral dependia da força do trabalho humano uma vez que ainda não havia automação e a mecanização era pequena. Dessa forma, havia uma valorização grande da mão de obra e este se constituiu em um motor para o desenvolvimento da economia do município.

A placa que contém o poema “Memória Prévia” foi colocada no ponto 38, na subida da Rua Santana.

Memória Prévia

O menino pensativo
junto à água da Penha
mira o futuro
em que se refletirá na água da Penha
este instante imaturo.

Seu olhar parado é pleno
de coisas que passam
antes de passar
e ressuscitam
no tempo duplo
da exumação.

O que ele vê
vai existir na medida
em que nada existe de tocável
e por isto se chama
absoluto.

Viver é saudade
prévia.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1012. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 13. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 288.)

No poema memória prévia, Drummond imagina o futuro, um futuro distante que ainda não chegou, porém em poucos instantes, imagina no intangível que tudo passará.

O futuro da Cidade de Itabira era o desenvolvimento e crescimento por meio do trabalho da mineração. Esse futuro, no entanto pode acabar com o passado, a história e levar às pessoas a se esquecerem dos valores humanos. É como se fosse algo profético e em instantes, o menino vê o futuro que não consegue descrever de modo que o poema é um dos mais curtos.

Nos tempos atuais líquidos como já se mencionou anteriormente, há perda de valores, medo em relação a perda de empregos e este período veio com a globalização e as tecnologias de informação e comunicação atuais. O futuro é incerto.

Drummond acertou ao falar que restará uma saudade mas que naquele momento no qual escrevia o poema, era somente uma saudade prévia de algo que ele nem sabia descrever completamente o que seria.

A vida da maioria das pessoas também é assim: saudades de coisas que se passaram e até mesmo diante das incertezas, saudades das coisas que hão de vir.

Ponto 38

Repetição

A placa que contém o poema "Repetição" foi colocada no ponto 39, na subida da Rua Santana, em frente à casa de Dona Maria Rosa.

A Rua Santana, fica no Bairro Penha, o mais antigo da Cidade de Itabira, e é neste bairro, onde fica a casa da família Castilho: o Senhor Juca, sua esposa e filhos, entre eles a Ninita Castilho, muito amiga de Drummond.

A casa pertenceu ao Senhor Caio Martins da Costa, e hoje restaurada, pertence aos herdeiros de José Maurício de Andrade.

Ninita Castilho recebia semanalmente a revista "Careta", e as emprestava para Drummond, que era uma criança muito apaixonada por leitura.

Logo que chegava o menino Drummond ia a casa de Ninita buscar as revistas para ler.

Para ir de sua casa à casa de Ninita, ele passava por uma ponte sobre o córrego da Penha onde avistava a farmácia de manipulação de Luiz Camilo.

Na ponte o poeta parava para observar as lavadeiras que lavavam as roupas nas águas do córrego, cantarolando, e isso faziam a tarde toda. Era costume da época.

Drummond fazia sempre este caminho e sempre parava para ver as lavadeiras lavando as roupas e cantarolando.

Anos depois, numa visita de Drummond à Itabira em pensamento, ele volta a Rua Santana e descreve esta passagem na sua história.

Repetição

Volto a subir a Rua de Santana.
De novo peço a Ninita Castilho
a Careta com versos de Bilac.
É toda musgo a tarde itabirana.

Passando pela Ponte, Luís Camilo
(o velho) vejo em seu laboratório-
oficina, de mágico sardônico.
Na Penha, o ribeirão fala tranquilo

que Joana lava roupa desde o Império
e não se alforriou desse regime
por mais que o anil alveje a nossa vida.

Ô de casa!... Que casa? Que menino?
Quando foi, se é que foi - era submersa
que me torna, de velho, pequenino?

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 97. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 990. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 249.)

Repetição é o ato de fazer novamente algo que já foi dito ou feito. É um movimento lógico que faz parte da vida e do cotidiano. No poema repetição, o poeta repassa algo que está em sua mente e que é o caminho na rua Santana. Essa rua é íngreme, como a grande parte do Município de Itabira que é uma cidade com muitas montanhas, algumas das quais ricas em minério de ferro.

Drummond se imagina subindo a rua em direção à casa da amiga Ninita. Lá, como de costume procurava a revista que tanto gostava de ler: a Careta que normalmente, tinha no seu conteúdo algum verso do famoso poeta Olavo Bilac.

Os objetos vão seguindo na mente do escritor, de modo semelhante a um filme ou vídeo e ele procura descrever com palavras aquilo que vai passando até chegar ao final.

No final do poema, observa Drummond que já está velho, porém ao repassar na mente, é como se retornasse no tempo de criança, do pequenino que nasceu e viveu a infância na terra do minério de ferro.

Ao passar suas lembranças para o papel na forma do poema Repetição, ele eterniza seus momentos e os compartilha, no jogo de palavras, com a sociedade de modo a quebrar a barreira do tempo e do espaço e assim os poetas, por meio das obras, imortalizam suas criações.

Ponto 39

Uma casa

A placa que contém o poema "Uma Casa" foi colocada no ponto 40, na subida da Rua Santana, em frente ao Colégio Nossa Senhora das Dores, no Bairro Penha.

O Colégio Nossa Senhora das Dores foi fundado em 1923 pela religiosa francesa, Madre Maria de Jesus. Esta religiosa era natural de Lyon, na França, deixou sua terra natal devido a perseguições do governo francês aos educandários religiosos e junto com sua prima a Madre Maria Miguel do Sagrado Coração vieram para o Brasil com o objetivo de trabalhar no ensino. Chegando ao Brasil, seguiram para a Cidade de São Domingos da Prata, em Minas Gerais, e logo iniciaram uma pequena escola e em 1923, a convite foram para Itabira e lá fundaram o Colégio Nossa Senhora das Dores, que teve seu início com apenas 7 alunas.

O Colégio funcionava em regime de internato, semi-internato e em regime aberto, somente para mulheres e recebia alunas de todo o Brasil. O regime internato e semi-internato funcionou até o ano de 1971.

Neste período, no entorno do colégio, havia a capela, o convento onde as irmãs ficavam, os dormitórios das moças internas e o local onde as aulas eram ministradas.

O convento e a capela ficavam de um lado da rua e os dormitórios e colégio do outro lado. Havia um túnel por baixo da rua que servia de passagem das freiras e moças para levarem a comida para as freiras no convento e também para irem na capela.

Anexo ao Colégio funcionava um orfanato destinado a menores carentes, até o ano de 1973.

Na década de 1970, foi também aberto para educação masculina.

A capela não tem mais, em seu lugar foi construído um centro de eventos, no local onde funcionava o convento e dormitórios funciona hoje o Colégio que atende meninos e meninas, em regime aberto, da educação infantil até o ensino médio e técnico.

No ano de 1926, O Colégio, que estava passando por uma crise financeira, ocasião em que Drummond, recém-casado, veio residir em Itabira, e, nesta época tinha acabado de concluir o Curso de Farmácia, em Belo Horizonte, como não queria ser farmacêutico, e nem fazendeiro, pois tinha herdado fazenda do pai, foi lecionar Geografia e Português no colégio Sul Americano. E, para ajudar o Colégio Nossa Senhora das Dores, que passava por momentos difíceis, ele lecionou História gratuitamente, numa demonstração de amor a terra natal.

Na ocasião do Jubileu do Colégio, festa de seus 50 anos de fundação, a irmã Ivone foi ao Rio de Janeiro pedir a Drummond que escrevesse uma crônica sobre o Colégio, no Jornal do Brasil, onde o poeta escrevia semanalmente.

Drummond alegou que as crônicas escritas para aquele diário eram de conotação política.

Então pediu à Irmã Ivone que lhe enviasse uma fotografia do Colégio Nossa Senhora das Dores, que havia sofrido mudanças físicas o que foi prontamente atendido.

Drummond escreveu o poema “Uma Casa” e enviou à irmã.

O poema ficou guardado pelas irmãs do colégio durante 25 anos, divulgado apenas na agenda dessa renomada instituição de ensino, sendo portanto inédito.

Em 1998 por ocasião dos 75 anos do Colégio e implantação do Museu de Território Caminhos Drummondianos, as irmãs cederam ao Município o poema para fazer parte do roteiro.

Uma Casa

Volto a subir a Rua de Santana.
A mesma rua. O tempo, diferente.
A saudade me leva e não se engana.
O que é passado torna-se presente.

Esta casa, que vejo tão mudada
na aparência, na essência não mudou.
Cinquent'anos depois, sua dourada
luz de esperança é a mesma que brilhou.

Das Irmãs Missionárias o Colégio
tem fundações de amor e de bondade.
Que mistério, sublime privilégio
plantou esta semente, na cidade?

O riso, a festa, a rosa do saber
abre-se ao sol, no dia itabirano.
Sente-se aqui a graça de viver
na comunhão do que é divino e humano.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade está publicada na placa dos "Caminhos Drummondianos" e na Revista em Foco - Estrada Real, ano 9, Edição Record, edição n. 83, maio/junho de 2012. (edição dedicada aos "Caminhos Drummondianos".)

Quando Drummond escreve o poema “Uma Casa”, ele na realidade a associa com o Colégio fundado pelas irmãs missionárias. Essa ficava em frente à escola, na rua Santana. Fazia meio século desde que o poeta tinha passado pela rua e visto a residência anteriormente.

Drummond ao escrever o poema, está vendo uma fotografia recente da casa que lhe foi entregue por sua irmã Ivone. Para escrever sobre a escola, o poeta precisava de algum objeto que lhe ajudasse a resgatar as lembranças, uma vez que muitos detalhes são levados pelo tempo.

As imagens da fotografia trazem uma espécie de renovo que é observado quando cita “O que é passado torna-se presente.”. A partir do resgate que é realizado nos dois primeiros quartetos, Drummond traz as evocações e trabalha os dois quartetos seguintes falando sobre as irmãs e o colégio.

O poeta enxerga as freiras que plantam o saber em sua terra natal e elas têm o riso, a festa, a rosa do saber. Desta forma, Drummond encontra a saída na comunhão entre o divino e o humano e, nestas, sente a graça de viver.

Ponto 40

O resto

A placa que contém o poema “O resto” foi colocada no ponto 40, no alto da Rua Santana, no Bairro da Penha. Este bairro é o mais antigo de Itabira, e fica próximo do local onde, no início do Século XVIII, os bandeirantes encontraram ouro.

Se inicialmente os bandeirantes exploraram o ouro nos córregos, posteriormente se dirigiram para as encostas à procura de veios e filões, os exploradores iam construindo suas casas próximos ao local de suas explorações, daí surgiu o Bairro da Penha.

O tempo passou, o ouro acabou, tanto nos rios como também nas encostas próximas e restou somente o local onde existia uma mina de ouro que acabou sendo abandonada. A idade foi crescendo e novos bairros foram surgindo.

Na parte superior da Rua Santana existia uma mina, que outrora possuía sua riqueza, o ouro, este ouro foi tirado até não sobrar nada. Nos dias de hoje, só há um buraco de entrada, parecendo uma boca desdentada, por onde as lagartixas passam, deixando os seus rastros.

Ficaram somente as lembranças de que um dia foi uma mina com tanta riqueza dentro. O ouro se foi e hoje só tem a terra, mostrando o princípio e o fim de uma época.

O Resto

No alto da cidade
a boca da mina
a boca desdentada da mina de ouro
onde a lagartixa herdeira única
de nossos maiores
grava em risco rápido
no frio, na erva seca, no cascalho
o epítome-epílogo
da Grandeza.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 36. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo II. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 73. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 1053.)

Resto no imaginário popular é algo que sobra, o que fica de um todo de que se retirou uma ou várias partes, é o remanescente.

O poema resto fala sobre o que restou da mineração do ouro. Na mina restou a boca que era o buraco.

Nem sempre as pessoas e a sociedade se preparam adequadamente para o futuro. Durante anos houve a exploração do outro e por sorte, logo a seguir veio outra riqueza que era o minério de ferro.

As riquezas minerais têm uma duração enquanto houver reservas. Mesmo a extração do minério de ferro deve acabar em algum momento e surgirão outras regiões nas quais a exploração é mais viável.

O tempo que a exploração ocorreu e ocorre fez com que houvesse riqueza na cidade. Como já se mencionou. O tempo do ouro se foi. O minério de ferro também não é eterno. Ele é explorado, retira-se o que for aproveitável e no final ficam os restos.

O poema é importante para lembrar as pessoas que tudo passa e só fica o resto e as lembranças. Também é importante como um alerta para as gerações futuras de que é preciso pensar que tudo que hoje é riqueza pode se transformar em resto no futuro.

Torna-se interessante se pensar em preparar as pessoas para que convivam com os restos e busquem novas fontes de riqueza para que a sociedade continue existindo e prosperando.

Atualmente, no município foi instalado um campus de uma universidade pública. Todas as regiões nas quais as universidades foram instaladas se tornaram polos de desenvolvimento uma vez que se trabalha a formação de mão-de-obra e pessoas com nível altíssimo.

Mesmo nas instituições que praticam o ensino, a pesquisa e a extensão, é preciso que se estude a história da sociedade local uma vez que o entendimento do seu passado pode ajudar na inserção do sucesso no futuro. Fica a questão: quais serão as riquezas do futuro para a cidade, a região e o país?

Ponto 41

Ausência

A placa que contém o poema “Pico do Amor” foi colocada no ponto 41, no ponto turístico de Itabira denominado de “Pico do Amor”. Este pico, próximo ao cruzeiro, fica no alto de uma montanha.

O Pico do Amor é um patrimônio natural de Itabira. Está localizado no Bairro Campestre e apresenta uma visão panorâmica de toda a Cidade de Itabira e de alguma parte da mineração que ocorreu no Município.

Junto ao Pico do Amor há o memorial Carlos Drummond de Andrade, numa instalação ampla, com seu estilo moderno e linhas curveadas, que foi projeto do grande arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. Neste memorial há bibliotecas e um acervo cultural amplo que inclui principalmente as obras completas do poeta Drummond.

Drummond quando criança pedia sempre a Sá Maria (sua mãe preta) como ele a chamava, para levá-lo ao Pico do amor, onde brincava, catava pedras para sua coleção, conversava com Sá Maria...

Conforme uma lenda local, o Pico do Amor foi chamado assim, porque, certa vez, alguns índios, que eram os antigos habitantes de Itabira, teriam encontrado um casal de índios “fazendo amor” no local, a partir dai eles chamaram de “Pico do Amor”.

Durante muitos anos, o Pico do Amor foi local de encontro de jovens, que iam lá namorar. Até hoje muitos acreditam na lenda que diz que quem sobe ao Pico do Amor e abraça o cruzeiro que foi colocado lá, não fica solteiro, pois é um lugar que transmite muito amor.

Atualmente ele faz parte do Parque Ecológico Municipal do Intelecto, na encosta leste do pico onde foi construído o Memorial Carlos Drummond de Andrade.

Ausência

Subir ao Pico do Amor
e lá em cima
sentir presença de amor.

No pico do Amor, amor não está.
Reina serenidade de nuvens
sussurrando ao coração: Que importa?

Lá embaixo, talvez, amor está,
em lagoa decerto, em grota funda.
Ou? mais encoberto ainda, onde se refugiam
coisas que não são, e tremem de vir a ser.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo & a falta que ama. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. p. 21. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.2, p. 993. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 255.)

O amor é um sentimento tão antigo quanto a humanidade. Está presente na Bíblia Sagrada no primeiro livro de 1 Coríntios, no capítulo 13. Este sentimento é essencial para que a humanidade continue existindo: as pessoas ao ter amor ao próximo, possibilitam a convivência e melhoria da sociedade.

O amor em todas suas formas é cantado em canções e celebrado ao redor do Mundo. O pico do amor é um símbolo de Itabira e por conseguinte, um símbolo para o mundo.

O poeta se lembra deste marco da Cidade de Itabira e o homenageia por meio da poesia de modo a eternizá-lo nas mentes e corações mesmo das pessoas que nunca estiveram na cidade natal do poeta mas, que ao ler o poema podem imaginar possibilidades e celebrar a vida e o amor.

Ponto 42

Confidência do Itabirano

A placa que contém o poema "Confidência do Itabirano" foi colocada no ponto 42, no Pico do Amor, em frente ao Memorial Carlos Drummond de Andrade, na encosta leste do Pico do Amor.

O poema colocado na placa, foi escolhido pelo arquiteto Oscar Niemeyer, autor do Projeto do Memorial Carlos Drummond de Andrade, que foi doado à Cidade de Itabira, numa demonstração de amizade ao poeta.

O poema retrata a saudade do poeta por sua terra natal, que, inclusive foi causa de grande polêmica entre alguns itabiranos, em relação ao verso que diz:

"Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!".

Muitos itabiranos interpretaram o verso da poesia, pensando que o poeta não gostava de Itabira era somente uma lembrança, nada mais. Esta visão é equivocada em relação ao poeta maior de Itabira.

Para Drummond, como já se mostrou anteriormente em vários momentos nesta obra, ele eterniza a cidade, seus moradores, suas casas e fatos históricos por meio de versos homenageando esses elementos e que são levados não somente ao país mas ao mundo.

Grande parte da obra drummondiana mostra seu amor pela Cidade, caso contrário, a fotografia da cidade nem estaria na parede para ser lembrada.

Drummond era uma pessoa tímida, um bom mineiro, de poucas palavras, mas de grande coração e mente brilhante que até aos setenta anos não evitava as entrevistas e aparecer em público.

Numa entrevista ao Jornal do Brasil a polêmica veio a tona, e Drummond responde:

"Uma coisa que eu acho estranho, é a má interpretação do meu poema. Acharam que eu humilhava minha terra, quando era justamente ao contrário. Depois que saí de lá, guardo sua imagem na parede de minha casa. O mais eu perdera; os amigos de infância, meus pais, os parentes quase todos. Felizmente pessoas mais sensíveis entenderam este meu verso que é um soluço nostálgico.". Segue o poema:

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem
mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do Velho Santeiro Alfredo Duval;
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho. esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, p. 46-47. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Seleta em prosa e verso. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 138-139. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 68. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. p. 61.-62.)

No poema Confidências de um Itabirano, verifica-se que o poeta mostra sua saudade da terra querida. A fotografia mencionada no final é uma representação mental individual ou a imagem mental que não lhe saia da mente.

Ela lhe causava a tristeza devido ao fato de ter sido obrigado a deixa-la para ter que ir estudar fora em outras regiões. Ora, se os moradores que estudavam ou trabalhavam fora, foram homenageados, nada mais justo que isso ocorresse também com Drummond.

De certa forma, pode se confundir com um traço de saudosismo e até um princípio de depressão que lhe causava a dor em virtude de possuir um passado, mas que não podia mais voltar.

Para o poeta, as lembranças e evocações são semelhantes aos versos na canção do ilustre rei Roberto Carlos (2013) na qual ele diz "... das lembranças que trago na vida, você é a saudade que eu gosto de ter, só assim, sinto você bem perto de mim, outra vez...".

A vontade de voltar ao passado que não era mais o mesmo lhe causavam o "...o hábito de sofrer" e este hábito presente nos dias do poeta muitas vezes nem permitia que continuasse escrevendo e era "... doce herança itabirana".

É inegável que o poeta possuía boas imagens da sua terra natal, que a amava e que isso iria acompanhá-lo durante toda sua vida, mesmo morando no Rio de Janeiro, ou ainda que fosse outra cidade, em São Paulo, Brasília ou qualquer outra localidade. Drummond continuaria sendo um itabirano no seu coração e lembraria de seus conterrâneos e descendentes uma vez que as evocações e lembranças da terra natal eram boas e ficaram eternizadas por meio de seus poemas.

Ponto 43

Edifício Esplendor

A placa que contém o poema "Edifício Esplendor" também foi colocada no ponto 43, no Pico do Amor, próximo ao Memorial Carlos Drummond de Andrade.

O poema foi escrito em homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer que, em 1998, retribuiu, doando à comunidade itabirana o Projeto Arquitetônico do Memorial Carlos Drummond de Andrade.

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho nasceu na Cidade do Rio de Janeiro em 15 de dezembro de 1907 e partiu em 05 de dezembro de 2012 na mesma cidade.

Niemeyer é considerado como uma das maiores expressões da arquitetura brasileira, tendo projetado edifícios cívicos para Brasília, a sede das Nações Unidas em Nova Yorque, o memorial da América Latina em São Paulo, edifícios na Pampulha em Belo Horizonte e outras obras.

A amizade entre o arquiteto mor do Brasil e o poeta maior de Itabira, resultou no poema seguinte:

Edifício Esplendor

I
Na areia da praia
Oscar risca o projeto.
Salta o edifício
da areia da praia.

No cimento, nem traço
da pena dos homens.
As famílias se fecham
em células estanques.

O elevador sem ternura
expele, absorve
num ranger monótono
substância humana.

Entretanto há muito
se acabaram os homens.
Ficaram apenas
tristes moradores.

[...]

(Parte da poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992, p. 80-83. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 96.)

O poema edifício Esplendor apresenta o momento inicial no qual Oscar Niemeyer o projeta rabiscando a areia da praia. O edifício é construído... Niemeyer que é um dos maiores arquitetos do mundo, projetou de grande porte ao redor do mundo. Nem todas as cidades possuem obras do grande arquiteto.

As obras de Niemeyer eram disputadas pelas várias cidades brasileiras uma vez que suas linhas arredondadas e futurísticas traziam uma mensagem de modernidade. Como já se mencionou anteriormente, Niemeyer possui obras em São Paulo, Brasília, Belo Horizonte.

É inegável que Itabira recebeu uma obra de Niemeyer graças ao seu amigo Carlos Drummond que foi homenageado em seu memorial. Não houve custos para a Cidade de Itabira que recebeu um projeto de Niemeyer, gratuitamente, como doação, devido a amizade dos dois que o poeta demonstra no poema escrito para ele.

Desta forma, pode-se afirmar que por meio da poesia, o poeta contribuiu com a Cidade de Itabira, ao trazer para ela o Memorial Carlos Drummond de Andrade, projetado com suas linhas arredondadas pelo famoso arquiteto Niemeyer.

Ponto 44

Infância

A Fazenda do Pontal pertenceu ao Coronel Carlos de Paula Andrade, pai do poeta, e era o local onde Drummond passava férias e finais de semana, quando criança.

A Companhia Vale do Rio Doce a desmontou em 1973, para em seu lugar colocar rejeito de minério de ferro, com o compromisso de remontá-la em outro local.

Essa Fazenda foi reconstruída no Bairro Campestre, e utilizou-se parte do material original guardado por trinta anos, tais como: janelas, portas, partes do assoalho e do forro. O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, acompanhou todo o projeto de reconstituição da Fazenda.

Drummond diferente das demais crianças, quando ia à fazenda, ele procurava os pés de manga para, sentado debaixo de suas sombras, ler os livros e revistas que levava consigo.

No tempo da fazenda, quando seu pai saia para o campo ver os animais e serviços da fazenda, montado em seu cavalo, sua mãe se sentava com suas costuras e a cuidar do filho mais novo que dormia tranquilamente.

O poeta aproveitava para ir até os pés de manga, levando consigo os livros que tinha trazido da cidade, e lá se sentava, debaixo das sombras das mangueiras, e começava a ler e, assim, passava horas lendo, até ouvir o chamado para o café da tarde.

Na fazenda ele se sentia um pouco solitário, porque lá os Correios não levavam a Revista "Tico Tico" que seu pai assinava para ele e nem os jornais de seu pai.

Drummond lia o jornal que o pai recebia, da primeira à última linha, embora como disse o poeta, pudesse entender talvez um terço de tudo, mesmo assim ele os lia com prazer.

Em 2002, por ocasião do Centenário do poeta, a Fazenda do Pontal foi remontada e hoje abriga a placa que contém o poema "Infância", no ponto 44, onde retrata, parte de sua infância rotineira na Fazenda do Pontal, que foi reconstruída no Bairro do Campestre.

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro ... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

(Poesia de Carlos Drummond de Andrade, extraída das fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, p. 67. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Seleta em prosa e verso. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 135-136. / ANDRADE, Carlos Drummond de. A senha do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 10-11. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. p. 86-87. / ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, v.1, p. 6.)

Esta poesia mostra a lembrança do poeta em relação à sua infância. Nela já lia muitos livros e revistas numa quantidade maior que a média da população brasileira da época e, mesmo em relação aos tempos atuais.

Segundo o Instituto Pró-Livro (2016), no Brasil atual, o lê-se em média 4,96 livros por ano, sendo que 2,53 dos livros não são terminados pelo leitor e que apenas 2,88 são livros lidos por vontade própria. Como se trata de uma média, na realidade há os que nada leem e os que leem muito. Para o Instituto Pró-Livro (Ibidem) 44% dos brasileiros não leem nenhum livro anualmente.

A Fazenda do Pontal era uma das fazendas da família Drummond e nela o poeta passava seus fins de semana. Essa fazenda ainda existe porém em outro local. Na fazenda original, ele passava boa parte do tempo lendo e um dos livros era o de aventuras de Robinson Crusoé que é uma obra escrita por Daniel Defoe. Anos mais tarde Drummond considera que sua história era mais bonita que aquela escrita por Defoe.

A poesia infância mostra como eram queridas as lembranças do passado que não voltava mais pois o tempo é implacável, caminha num só sentido.

Os caminhos drummondianos e seus poemas são brindes ou presentes para Itabira e seus habitantes e para os brasileiros e cidadãos do mundo.

Os poemas presentes nos caminhos são uma seleta ou uma pequena fração do trabalho do grande poeta, contista e escritor que também se eternizou por meio da literatura.

Considerações Finais

No presente livro, apresentou-se uma contextualização para os poemas do museu de território "Caminhos Drummondianos".

Este texto contribui com o saber dos leitores trazendo subsídios importantes para o entendimento dos poemas drummondianos de modo a facilitar sua compreensão, leitura e a disseminação desse conhecimento na sociedade de modo a torná-los mais significativos e sustentáveis.

O texto realiza uma viagem pelos 44 pontos ou estações do museu de território drummondiano. Cada ponto possui seu respectivo poema e cada uma apresenta uma história ou uma situação que se desenrola em uma época e que devido ao caráter humano e hospitaleiro do poeta maior, muitas vezes levam as pessoas a transpor para situações ou aplicações mais amplas.

A valorização pela sociedade e seus segmentos bem como a disseminação do saber sobre esse museu de céu aberto, territorial único voltado para poemas, o que o torna inédito e original no Mundo, pode vir a torná-lo em um dos locais temáticos mais consagrados e procurados pelos turistas, podendo vir a ser uma grande fonte de renda e riqueza da indústria do turismo temático.

O Brasil mesmo nos tempos atuais ainda é um país no qual grande parte de seus habitantes não leem e está se constitui em uma tragédia nacional. Torna-se interessante valorizarmos nossa literatura, nossos poeta e nosso poeta maior e por conseguinte, incentivarmos a formação de leitores e de um País mais culto e em condições de dialogar de igual em relação aos países que atualmente possuem mais leitura que o nosso.

Os caminhos Drummondianos com seus 44 pontos nos presentearam com poemas que são uma parte pequena das obras do poeta, contista e escritor mineiro e vale a pena conhecermos mais desta literatura.

Sabemos que este trabalho apresenta somente uma ponta de iceberg em relação à extensa obra do poeta maior de Itabira e que há a possibilidade do surgimento de novos trabalhos apresentando e analisando outras obras ou até mesmo, outras ópticas em relação a esta obras e as obras do poeta e escritor maior de Itabira e um dos maiores do Brasil.

Nosso obrigado a todos que direta ou indiretamente contribuíram com seus ricos comentários, opiniões e, discussões: a todos itabiranos e, brasileiros da melhor qualidade, que nos apoiaram e que amam a literatura apresentamos nossa gratidão.

Agradecemos também, em especial, aos membros da gloriosa família do poeta e escritor Drummond de Andrade e seus descendentes que não economizaram palavras e apresentação de materiais apara enriquecer o saber da sociedade em relação ao poeta maior de Itabira, Minas e Brasil.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, Rosemyre Penido. **Morro escuro.** Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira.

ALVARENGA, Rosemyre Penido. **Uma canção de Itabira.** Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira.

ALVIM, Clovis. **Escritos bissextos.** 1930.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A senha do mundo.** 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 47p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando.** 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amor natural.** Rio de Janeiro: Record, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética.** 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética.** 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 271p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001. 348p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Auto-retrato e outras crônicas.** Rio de Janeiro: Record, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo & a falta que ama.** Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. 189p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II.** 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 248p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo:** menino antigo. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 366p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Fala, amendoeira.** 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell.** 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 141p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José:** novos poemas – fazendeiro do ar. Rio de Janeiro: Record, 1993. 111p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião:** 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. 2v.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O sorvete e outras histórias.** São Paulo: Ática, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Os dias lindos:** crônicas. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001. 2v.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. 2019p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Seleta em prosa e verso.** 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. 239p.

ANDRADE, Maria Rosa Martins da Costa. **Um sobrado na história de Itabira.** Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira, s.d.

BARBOSA, Rita de Cássia (org). **Carlos Drummond de Andrade.** São Paulo: Ática, 1987. (col. Literatura Comentada).

BARROS, Altamir José de (org). **No tempo do Mato Dentro.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, s.d.

BAUMAN, Zigmunt. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zaha, 2007.

CANSADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu.** São Paulo: Spicione, 1993. (Col. Margens do Texto)

CHAVES, Rita. **Carlos Drummond de Andrade.** São Paulo: Scipione, 1993. (Col. Margens de texto).

DRUMMOND, Muller Julieta. **Conversa de Drummond com Sá Maria.** s.n.t.

FIGUEIREDO, Guilherme. Drummond. **Revista de Teatro**, jul-set. 1987. (Transcrito de O Globo de 27/08/87).

ICM. Museum definition. International Council of Museuns. Disponível em: http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>. Acesso em: 03 dez. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponivel em: http://www.museus.gov.br/os-museus/. Acesso em: 04 dez. 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil – 2016. 4.ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

INVENTÁRIO de Bens imóveis. Itabira.

ITABIRA. Cartilha do Cidadão. Prefeitura Municipal de Itabira, 1996. (Edição96/97)

JODALET, Denise; KALAMPALIKIS, Nikos. **Représentations sociales et mondes de vie.** Paris: Editions des Archive. 2015.

LACERDA, Maria das Graças Lage. **Caminhos drummondianos.** Trabalho de Pesquisa: Maria das Graças Lage Lacerda Registrada na Biblioteca Pública Nacional – Ministério da Cultura, sob o n. 230.636, Livro 406, Folha 296, em 21 de maio de 2001.

LODY, Maria Inez. O almanaque do Batistinha. Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira. **Revista Histórias de Minas**, ano 1930.

McLUHAN, Herbert Marshall. **O meio é a mensagem e a mensagem é o meio.** Rio de Janeiro: Globo...

MELQUIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972 (Coleção documento Brasileiros, v. 157)

MINAS GERAIS. **Trinta dias sem Drummond.** Belo Horizonte, 19 set. 1987. (Coleção Documento Brasileiros, v. 169)

MORAES, Emanuel de. **Drummond rima Itabira mundo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1972 (Coleção Documentos Brasileiros, v. 157)

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais.** São Paulo: Cortez, 1997.

O COMETA Itabirano. Periódico itabirano. Itabira, mar. 1986.

OLIVEIRA, Carlos Augusto de. A musealização do território como estratégia de gestão do patrimônio e administração da memória. **Revista Memorare**, v.2, n.2, p.34-51, jan., 2015.

OLIVEIRA, Cecília Maria Viana Camilo. **Desenvolvimento e dependência.** Edição Comemorativa dos 10 anos da FCCDA. 1992. Itabira/MG.

OLIVEIRA, D. N. **Poros: ou as passagens da comunicação.** Tese (Doutorado) apresentada à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), 2006.

PECHEUX, Michel. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Cortez, 2008.

REVISTA em Foco – Estrada Real, ano 9, Edição Record, Edição. 83, maio;junho, 2012.

ROBERTO CARLOS. **Outra Vez (Você Foi).** Especial 2013. Publicado no Roberto Carlos News em em 26 de dez de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IgVDO8joC_4 >. Acesso em: 25 dez. 2017.

TELLES, Gilberto Mendonça. **Drummond:** a estilística da repetição. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1978.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins, 2013.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Autêntica, 2010.

Memória Oral

Trabalho de Pesquisa: Maria das Graças Lage Lacerda Registrada na Biblioteca Pública Nacional – Ministério da Cultura, sob o n. 230.636, Livro 406, Folha 296, em 21 de maio de 2001.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93729-99-7
9 788593 729997